

O universo de Portinari em diálogo com a literatura

Entre pincéis e palavras: o universo de Portinari em diálogo com a literatura foi o título do seminário que o professor e escritor João Candido Portinari, filho do pintor Candido Portinari, presenteou os que tiveram a oportunidade de comparecer ao Teatro Raymundo Magalhães Jr, para assistir ao Ciclo de Conferências coordenado pela acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira, no início de setembro. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Fotos: Michael Félix



ACESSE:
www.
jornaldeletras.
com.br

Queremos prestar nossa homenagem à memória do professor Fredric Litto, que pertenceu aos quadros da Academia Brasileira de Educação. Foi um educador muito determinado, com especialização notável na modalidade de educação a distância. Se hoje temos uma realidade incrível, em nível nacional, devemos muito aos esforços do professor Litto, que foi o pai da Educação do Futuro, com grande atuação especialmente em São Paulo. Personalidades assim farão muita falta à nossa educação.

O EDITOR



O professor Celso Niskier, do Conselho Nacional de Educação, no lançamento do seu quarto livro, *Educação Mais Inteligente*, na Livraria da Travessa. Na foto, com a mulher Andrea e as filhas Giovanna e Gabriella.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

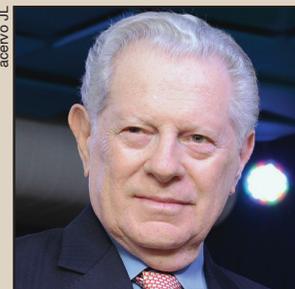
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



Clarice e o “dinheiro”

Conheci Clarice Lispector na casa dos amigos Miriam e Pedro Bloch. Aos domingos, ele costumava receber amigos queridos, como a mencionada Clarice e outros escritores, como Jorge Amado,

Orígenes Lessa e Fernando Sabino, entre outros.

Assim nasceu uma certa intimidade entre nós, consolidada pelo convite feito por Adolpho Bloch, para que ela colaborasse na revista *Manchete*, fazendo entrevistas em que os temas recorrentes eram amor, morte, solidão e fracasso. Tinham o formato pergunta e resposta, sendo também aproveitadas na revista *Fatos & Fotos*, da qual eu também era chefe de reportagem.

Isso me deu um trabalho adicional. O velho Bloch pediu que eu tomasse conta dela e dos seus interesses financeiros. Mal saía a matéria, como foi o caso da entrevista com Elis Regina, lá vinha o telefonema da escritora nascida na Romênia, com o seu sotaque característico: “Arnaldo, preciso do meu dinheiro e não posso esperar muito tempo.” Eu fazia o que era possível, junto à nossa contabilidade, para que ela não demorasse a receber o que lhe era devido. Isso acontecia praticamente todas as semanas. As entrevistas estão no livro *De Corpo Inteiro*. Da lista de entrevistados, constam nomes como Maísa, Tom Jobim, Djanira, João Saldanha, Oscar Niemeyer e Rubem Braga. Ela pediu a Jorge Amado que fizesse uma crítica da sua obra: “Meus livros são rudes, sem finuras nem filigranas de beleza. São pobres de linguagem e muitas coisas mais. São livros simples, de um contador de histórias da Bahia.” Muitas dessas entrevistas (25) ficaram inéditas. Clarice era considerada enigmática, mas às vezes se revelava um pouco, valorizando o que chamamos de processo criativo.

Quando entrevistou Elis Regina, quis arrancar da cantora gaúcha algo mais do que uma explicação sobre a sua fama de “mau colega”. Ela sempre procurou explorar o âmago da coisa. E arrancou de Zagallo essa revelação: “Com exceção de Jorge Amado e Érico Veríssimo, não conheço escritores que se sustentem apenas com a venda de livros.” Nelson Rodrigues precisava escrever três crônicas diárias para garantir a sua sobrevivência. Enfim, uma grande escritora.

“Toda vez que você se encontrar do lado da maioria, é hora de parar e refletir.”

Mark Twain

“Os azares da vida são tais, que toda eventualidade se faz possível.”

André Maurois

O acadêmico Arnaldo Niskier recebe título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade Santa Ursula

Aos 89 anos, o acadêmico, professor, escritor e jornalista Arnaldo Niskier somou mais uma condecoração à sua extensa carreira. Desta vez, foi homenageado com o título de *Doutor Honoris Causa*, conferido por unanimidade pela Universidade Santa Úrsula.

A solenidade de outorga do título, ocorrida em bela cerimônia no Teatro Raymundo Magalhães Jr., na Academia Brasileira de Letras, contou com a presença, além da família, de vários acadêmicos, amigos e autoridades. Na ocasião, o reitor da Universidade Santa Úrsula, Professor Paulo Alonso, fez um tocante discurso de saudação, ressaltando as qualidades do homenageado:

“Aos 89 anos, continua escrevendo livros e artigos, proferindo palestras, participando de seminários e congressos e exercendo o jornalismo, como apresentador do programa *Identidade Brasil*, levado ao ar pelo Canal Futura todas as semanas.

Filho dos imigrantes judeus Majer Niskier e Fany Niskier, que chegaram ao Brasil num período em que o mundo tragicamente tomava contato com a intolerância e o ódio, Arnaldo Niskier nasceu em Pilares, no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1935. Ainda menino, conheceu os surpreendentes labirintos da vida. Garoto ainda, logo sentiu à sua volta o encanto e a magia do Rio de Janeiro. Cedo, ouviu o apelo de suas vocações maiores: o jornalismo e o magistério. Mal saído da adolescência, foi trabalhar na *Manchete* como repórter e revisor, onde conheceu a figura patriarcal de Adolpho Bloch, de quem se tornou grande amigo.

Sempre atento e estudioso, Arnaldo concluiu o bacharelado em Matemática (1957) e a licenciatura também em Matemática (1958), pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UERJ. Nessa mesma Universidade do Estado do Rio de Janeiro, graduou-se em Pedagogia (bacharelado, em 1961) e em Licenciatura em Pedagogia (1962) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, tornando-se doutor em Educação (1964). Niskier nunca parou de estudar, pesquisar, se aprimorar e se aperfeiçoar. Agora, avança em estudos profundos sobre Inteligência Artificial.

O homenageado foi o primeiro secretário de Estado de Ciência e Tecnologia do Estado da Guanabara, no governo Negrão de Lima (1968-1971); secretário de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro (1979-1983); secretário de Cultura do Estado do Rio de Janeiro (2004-2005); e secretário de Educação do Estado do Rio de Janeiro (2006).

Educador dos mais notáveis e sempre tendo a educação e a cultura como centrais em sua magnífica trajetória, nosso homenageado exerceu as presidências da Fundação de Artes do Rio de Janeiro – Funarj; do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro e do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro. Nomeado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, atuou como conselheiro da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, tendo elaborado, naquele período, 842 pareceres e 9 indicações (sendo uma delas pioneira sobre educação a distância), quando Paulo Renato Souza exercia o cargo de ministro da Educação.

Desde 1992, Niskier integra o Conselho de Notáveis, coordenado pelo senador Bernardo Cabral, da Confederação Nacional do Comércio, Bens, Serviços e Turismo.

Se nos campos da educação e da cultura Arnaldo Niskier é uma referência nacional, na comunicação social, seu nome está gravado pelas décadas de dedicação ao Grupo Bloch, no qual foi chefe de reportagem da revista *Manchete* (1960-1968); diretor do Departamento de Jornalismo de Bloch Editores (1968-1995), empresa na qual, de 1971 a 1988, foi diretor-geral do programa *Sinfonia da Natureza*, veiculado pela TV Manchete; e de 1975 a 1992, quando criou e dirigiu a Divisão de Cursos e Seminários. De 1983 a 1987, dirigiu e apresentou o programa *Homens e Livros* da TV Manchete. Dirigiu ainda o programa *Verso e Reverso/Educando o Educador*, da Fundação Educar, produzido pela TV Manchete, de 1987 a 1989.

Ainda na década de 1970, o visionário e empreendedor Arnaldo Niskier criou o Planetário do Rio de Janeiro, buscando despertar o interesse dos jovens pela decifração dos enigmas dos cosmos, tema que, hoje, nesta era espacial, é obrigatório de especulação e estudo.

Sétimo ocupante da cadeira nº 18 da Academia Brasileira de Letras (ABL), eleito em 22 de março de 1984, na sucessão de Peregrino Júnior, o novo imortal foi saudado em 17 de setembro de 1984 pela acadêmica Rachel de Queiroz. Em seu memorável discurso de posse na ABL, o novo acadêmico iniciou sua fala sem disfarçar a alegria e a honra que sentia ao chegar à Casa de Machado de Assis: “Tanto sonhei, que aqui estou, assomando pela primeira vez a esta tribuna, a mais ilustre do país. Meta e Meca, desafio e santuário dos homens de letras e do espírito, todos aqui se veem compelidos a debruçar-se sobre o passado. Cada qual olha o caminho percorrido, não tanto para aferir o problemático espaço de uma láurea, mas o fatigado tamanho de uma luta. Sinto-me como o jovem Sérgio ao ouvir o pai, à porta do Ateneu, na descrição de Raul Pompeia: ‘Vais encontrar o mundo... Coragem para a luta.’”

A oração do novo imortal, proferida há 40 anos, é atualíssima. Senão vejamos: “A situação do ensino não permite a timidez hesitante do conformismo, nem as atitudes estereis de negação ou de resistência passiva. Todos têm o dever de cooperar para que o ensino universitário entre nós melhore progressivamente nos seus quilates culturais, quer dizer, no sentido perpendicular da profundidade e da altura. Para isso, poderemos contribuir decisivamente todos nós, professores, se nos lembrarmos de que o professor moderno deve exercer, no organismo universitário, aquela prodigiosa função hormonal de que nos falava Maraño. É exatamente esta a função mais importante do professor: a função estimuladora, que leva, ao espírito do estudante, os excitantes específicos do entusiasmo, da fé, da confiança e do interesse científico.”

E ele acrescenta: “O avanço da ciência e da tecnologia coloca em xeque a posição do homem diante do mundo moderno. Sempre houve um componente técnico na natureza humana, da mesma forma que sempre coexistiram o instrumento e a linguagem. Se fosse necessário estabelecer uma ordem de precedência, diríamos que o humanismo, no que ele representa de espírito perquiridor, de busca do ideal da realização humana, precede a técnica, pois a ferramenta procede da palavra, do pensamento, da criação. O que se busca é uma nova síntese que supere os antagonismos entre humanismo e civilização tecnológica. Nem o humanismo é um fim em si mesmo, contemplativo e estático, nem a civilização tecnológica deve subjugar o homem com suas ofertas desmedidas e, às vezes, desnecessárias. Pois, se não houver o equilíbrio, pode-se chegar ao que Claude Lévi-Strauss afirmou sobre as civilizações tropicais: ‘elas correm o risco de passar do

estágio de carência para uma grande depressão, sem conhecer a opulência.’”

Intelectual dos mais brilhantes e referência nas áreas do jornalismo, da educação e da cultura, Arnaldo Niskier é titular da Academia Brasileira de Educação; do PEN Clube do Brasil; da Academia Internacional de Educação; e membro, dentre tantas associações, do Centro de História e Cultura Judaica, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Como escritor, suas obras versam sobre temas variados, mas é na educação, na cultura, na ciência e tecnologia e na literatura infantil que se destacam. São mais de 100 livros publicados.

Se na vida profissional Arnaldo é exemplo, o é também por ter constituído, ao lado da sua esposa, Dona Ruth, com quem está casado há 62 anos, uma família unida e amorosa. Desse casamento feliz nasceram três filhos: Celso, Andreia e Sandra.

Grande torcedor do América, clube no qual jogou bola (foi juvenil do clube, tendo inclusive substituído Zagallo na ponta-esquerda quando ele saiu para o Flamengo), Arnaldo guarda suas lembranças do tempo em que foi atleta, e essas memórias estão presentes e o ajudaram muito em sua trajetória: não desistir nunca, saber driblar o eventual adversário, armar bem e com inteligência as jogadas.

Arnaldo é um colecionador de amigos, uma pessoa amável, além de atento, bem-humorado e apaixonado pela educação, pela família e pelas causas judaicas, que defende com grande orgulho.

Marido amoroso e atencioso, pai dedicado e presente, avô dengoso e bisavô entusiasmado, Arnaldo tem um enorme amor pela família, considerada o seu verdadeiro porto seguro. Acima de tudo, Arnaldo é um homem generoso com suas amizades e com todos os que estão à sua volta, tanto sentimentalmente como materialmente. Sabe ser grato por tudo o que recebe, seja em atenção, carinho ou alguma atitude a seu favor.

Parabéns, mestre Arnaldo Niskier, pela justa e merecida homenagem ora recebida.



Celso, Andreia e Arnaldo Niskier, com o reitor da USU Paulo Alonso, o presidente da ABL Merval Pereira e os acadêmicos Godofredo de Oliveira Neto e Antônio Carlos Secchin.

Breves

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

● O ESCRITOR E PINTOR OSCAR ARARIPE recebeu o título de Cidadão Honorário de Fortaleza. Na ocasião, lançou mais um livro *Imaculada: A Amazônia que nos deu à luz*, pela Editora da Universidade Federal do Amazonas (Edufa).

● *RABO DE FOGUETE* (Ed. José Olympio), livro em que o saudoso acadêmico Ferreira Gullar relata seu exílio durante a ditadura, foi relançado com fotos inéditas, entre elas, a do passaporte do poeta.

● *SIMPLESMENTE BIBI* (Ed. Capivara) é o nome da biografia sobre Bibi Ferreira. Escrita pela filha Thina Ferreira, em parceria com o pesquisador Alexandre Constantino, a obra tem 500 páginas, trazendo imagens inéditas da grande atriz.

● *O CINEMA DE PERTO: PROSA E POESIA* (Ed. Record) revela o lado cinéfilo de Carlos Drummond de Andrade. Com textos organizados por Pedro Augusto Graña Drummond, neto do autor, e pelo editor Rodrigo Lacerda, o livro traz prefácio inédito do escritor e crítico de cinema Sérgio Augusto.

● *VIVA MARÍLIA*, documentário de Zelito Viana sobre a multitalentosa Marília Pêra, conta com a codireção de Esperança Motta, filha de Marília e Nelson Motta, que assina o roteiro. A obra conta com fotos, cartas inéditas e filmes domésticos da grande atriz.

● PRESIDENTE EMÉRITO DA ACADEMIA BRASILENSE DE LETRAS, José Carlos Gentili lançou o *Almanaque do Gentili*, com gravuras produzidas com Inteligência Artificial e prefácio de Innocêncio de Jesus Viégas.

● UM DOS ESCRITORES MAIS INVENTIVOS de sua geração, Marcelino Freire, com o lançamento de *Escalavra* (Ed. Amarcord), dá continuidade à investigação do que ele denomina de “linguagem arqueológica”.

● NOVO ROMANCE DO VENCEDOR do prêmio Camões de 2013, *A Cegueira do Rio* (Companhia das Letras), de Mia Couto, celebra a sabedoria africana.

● COM ABERTURA INTERDISCIPLINAR e inspiração de poeta, Francisco Caruso lançou *Entre Ossos, Indagações e Emoções – Uma livre reflexão sobre o humano* (Ed. Livraria da Física).

● PUBLICADO PELA BEBEL BOOKS, *34 Poemas-Homenagem* reúne poemas visuais para grandes personalidades brasileiras criados pelo gênio da síntese estética e gráfica Guto Lacaz, designer com mais de 50 anos de carreira.

● COMO SE EXPLICA A DOENÇA DE ALZHEIMER para uma criança? O que acontece quando alguém que amamos começa a nos esquecer? Em seu mais recente livro *Neyla* (Ed. Cambucá), a escritora Cristiane Tavares aborda o assunto com doçura e sensibilidade.

● *NINGUÉM É TRISTE O TEMPO TODO* (Ed. Artéria), de Mônica Boruchovitch, reflete sobre os diferentes tipos de terminos e os lutos que eles acarretam.

● LANÇADO ORIGINALMENTE EM 2004, o *Almanaque Anos 80*, que ficou por 52 semanas consecutivas nas listas de mais vendidos do Brasil, retornou em grande estilo para celebrar duas décadas de sucesso. Atualizada pelos autores Luiz André Alzer e Mariana Claudino, a obra tem prefácio de Léo Jaime.

● *CONSTELAÇÕES HIPÓCRITAS* (Ed. Numa), que recebeu o Prêmio Carolina Maria de Jesus, marca a estreia de Denise Crispum como romancista.

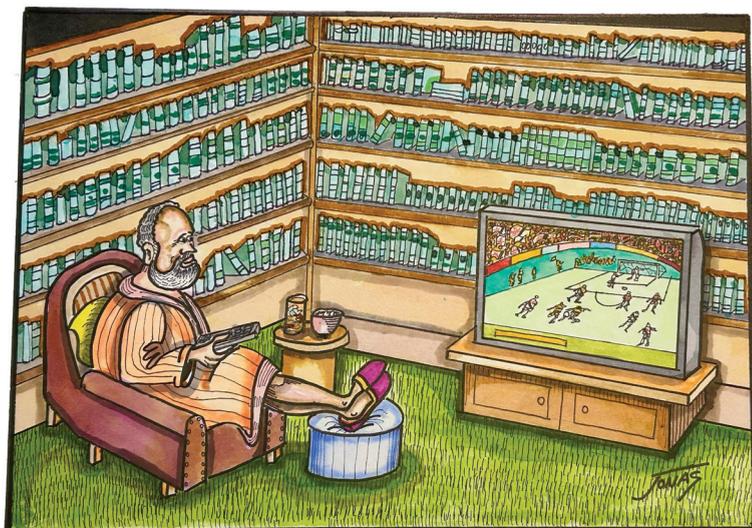
● *A PROVÍNCIA FLUMINENSE* (Ed. Ibis Libris), de Djalma Augusto dos Santos Mello, faz uma incursão pela história da imprensa brasileira, abordando sua relação com a literatura ao longo do século XIX.

Humor

Por Jonas Rabinovitch

jonasrabinovitch@gmail.com

T.V. OR NOT T.V.?



● *AFRICANO: UMA INTRODUÇÃO AO CONTINENTE* (ed. Record), de Kauê Lopes dos Santos, desconstrói a representação generalizada e caricata da África, reproduzida desde o final do século XIX pela indústria cultural.

● TERCEIRA MULHER DO CANTOR e compositor Raul Seixas, Tânia Menna Barreto, com a colaboração do escritor Thiago Bittencourt, lançou *Pegando Brabo* (Ed. Ibis Libris), enfatizando aspectos menos conhecidos da vida e da carreira do roqueiro baiano.

● *CHATICES DO AMOR* (Ed. Record) reúne dois romances inéditos de Fernanda Young, publicados tal como a autora os deixou, antes de sua morte, em 2019.

● AUTOR DO BEST-SELLER *Cidade de Deus*, Paulo Lins propõe reflexões sobre equidade social em *Um Novo Sol* (Ed. Gryphus), escrito em parceria com sua companheira Flávia Helena.

● A EDIÇÃO COMENTADA POR Luiz Antonio Simas de *A Alma Encantadora das Ruas* (Ed. José Olympio), obra-prima de João do Rio, foi o segundo livro mais vendido durante a Festa Literária Internacional de Paraty 2024.

● COM BASE NA CORRESPONDÊNCIA pessoal de Albert Camus, em gravações inéditas e entrevistas com familiares, amigos e aman-

tes, Olivier Todd revela, em *Albert Camus: Uma vida* (Ed. Record), toda a complexidade do escritor.

● *IMPOSTORA: YELLOWFACE* (Intrínseca), da premiada R. F. Kuang, tece críticas à apropriação cultural, racismo e mostra um retrato sobre inveja e a agressividade das redes sociais.

● *AS CRÔNICAS DE CAZUÁ* (Ed. Paz & Terra), de Luiz Ruffino, respondem ao chamado do intelectual quilombola Nego Bispo para oralizar a escrita.

● AUREA DOMENECH, do Pen Club do Brasil, lançou *Terra de Arco-Íris – Sonetos da quarentena* (Ed. 7 Letras).

● ROMANCE DE ESTREIA DO CEARENSE Pedro Jucá, *Amanhã Tardará* (Ed. Tusquets) mostra habilidade ao narrar acerto de contas com o passado.

● PARA AJUDAR A COMBATER O ESTIGMA DO CÂNCER DE PRÓSTATA, segundo tipo de tumor mais comum entre brasileiros, o designer carioca Fabio Lopez lançou a irreverente obra *Meu Corpo, Minhas Pregas* (Ed. Bebel Books).

● A COLETÂNEA *No Calor das Ideias – Breviário do Bem Pensar, volume II* é o resultado de uma seleção dos mais de 1.000 artigos publicados na revista *Insight Inteligência* que, ao longo dos últimos 27 anos, debateu temas multidisciplinares de forma original.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Quando devo usar te ou ti?

Não há coração apaixonado que não se desencante com uma declaração de amor do tipo “Eu ti amo”.

Não se enganem mais ao empregar os pronomes oblíquos te e ti.

A forma **ti**, com “i”, é **tônica**, já a forma **te**, com “e”, é **átona**.

Não ajudou muito, não foi? Vamos tentar esclarecer de outro modo. **Ti** sempre é acompanhada de **preposições (a, contra, de, em, por etc.)**. O mesmo não ocorre com **te**. Exemplo: Eu **te** amo é **Eu** amo a **ti**.

Cor

“Júlia comprou três camisas laranjas.”

Aposto como era de outra cor! As cores que têm nome de **objetos (laranja, gelo, limão, vinho, violeta, rosa)** não vão para o plural, uma vez que são **substantivos adjetivados**, ou seja, derivam de palavras originalmente substantivas, que podem funcionar como **adjetivos** se estiverem qualificando outro substantivo, ficando sempre **invariáveis**.

Frase correta: “Marcela comprou três camisas **laranja**.”

Vimos à sua presença ou viemos à sua presença?

Vimos é presente do verbo vir, enquanto **viemos** é passado do mesmo verbo.

Exemplos: “**Vimos** agora, neste momento, para manifestar nosso apoio”, “**Vimos** ontem, porque a reunião começa muito cedo”.

Vimos também é o passado do verbo **ver**.

Veja: Eu **vi** / tu **viste** / ele **viu** / nós **vimos** / vós **vistes** / eles **viram**.

Delação premiada

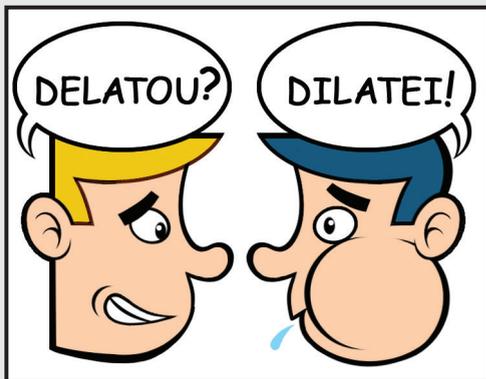
“O candidato disse que ia dilatar os demais envolvidos no esquema fraudulento.”

Ninguém será preso, pelo visto. Veja:

Dilatar – tornar maior, mais extenso

Delatar – denunciar (um crime)

Frase correta: “O candidato disse que ia **delatar** os demais envolvidos no esquema fraudulento.”



Moto pequena

“Henrique queria uma miniatura da moto de seu pai, ela queria a motinha.”

Não vai ganhar! O diminutivo de **moto** é **motinho**.

Frase correta: “Henrique queria uma miniatura da moto de seu pai, ela queria a **motinho**.”

Contando o tempo

“A cerca de 15 anos, Heloísa conheceu o Deserto do Atacama e, desde então, viaja para lá todos os anos”.

Ela está empregando de forma errônea a expressão. O correto, nesse caso, é a expressão **há cerca de**. Veja:

A cerca de – espaço aproximado de tempo (que ainda não passou) ou distância aproximada.

Há cerca de – espaço aproximado de tempo (que já passou) ou quantidade aproximada.

Período correto: “**Há cerca de** 15 anos, Heloísa conheceu o Deserto do Atacama e, desde então, viaja para lá todos os anos.”

Nenhum nem outro

“Miguel disse que não daria nenhum centavo a mais no ingresso para assistir ao jogo do seu time do coração.”

Nem poderia, escrevendo dessa forma. **Nenhum** opõe-se a **algum** (pronome indefinido) e está empregado de forma indevida. O correto é **nem um**, que se opõe a **um, dois** (numerais).

Frase correta: “Miguel disse que não daria **nem um** centavo a mais no ingresso para assistir ao jogo do seu time do coração.”

Inseto perigoso

“Ester foi picada no braço por um **marimbondo** ao entrar no barco.”

Correto: o inseto de picada dolorida aceita duas formas de escrita para seu nome: **marimbondo** e **maribondo**.



Xingamento

“Alessandra chamou a vizinha de mocréia, mas ela nem ligou.”

Nem poderia se incomodar. De acordo com o Novo Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, não se usa mais acento em ditongos abertos **éi** e **ói**, nas palavras paroxítonas.

Frase correta: “Alessandra chamou a vizinha de **mocreia**, mas ela nem ligou.”

Curiosidade

Você sabe o que são **palíndromos**?

São palavras ou frases que podem ser lidas da esquerda para a direita e da direita para a esquerda.

Ex.: **radar, luz azul, ame o poema, amor a Roma, a droga da gorda, o galo no lago** etc.

A espera

Por Marli Gonçalves*

Já reparou que estamos sempre à espera de algo, alguma coisa? À espera de iluminação sem que necessariamente seja elétrica. Por menor que seja, por maior que seja, breves, longas, doidas, a vida nos traz uma sucessão de esperas que, enfim, e talvez, a qualquer hora encerrem algum capítulo. Me diga: dá para viver sem ansiedade?

Milhões de paulistanos passaram a semana esperando a luz, a energia elétrica apagada depois de alguns minutos de ventos e chuvas que escancaram o que sempre ando dizendo, que São Paulo está se tornando cada dia mais impraticável e em diversos sentidos. Inclusive em seus comandos, as instituições, governo e empresas das quais dependemos. A cada previsão do tempo, continuamos esperando transtornos e, pior, a ocorrência de alguma desgraça, faça chuva, sol, calor ou frio.

Brasileiros torcedores do futebol, por exemplo, esperam que se faça luz, mas, na Seleção Brasileira, que anda faz tempo uma coisinha bem chata e sonolenta de se acompanhar, sem brilho, antes era alegria.

Esperamos por aí o surgimento não só de novos craques, como também de lideranças diversas que realmente nos empolguem, novos quadros, personalidades interessantes que de alguma forma substituam os tantos que se aposentam ou nos deixam saudosos. Os mitos verdadeiros nos abandonam.

Os ídolos passam à História, ficamos por aqui lendo seus livros, ouvindo suas músicas, admirando suas artes.

Esperamos alguma salvação – daí buscamos céus, terras, o invisível, o indizível. Ouvimos promessas que nunca se concretizam, enfim, o que até já sabemos, mas elegemos sempre quem faz as mais irreais, até parece para ter a certeza da decepção, parte desse cotidiano – e o que dá conversa e vazão à raiva nos anos seguintes quando até de muitas nos esquecemos.

Aguardamos momentos, mensagens, respostas às muitas dúvidas, o acesso aos sonhos que internamente todos cultivamos. Um olhar especial sobre nós, nem sempre de amor ou romântico, mas de reconhecimento do qual nunca intimamente desistimos.

Ah, alguma explicação, certamente você aí espera. Seja sobre o que pode ter acontecido, se fez algo errado, se falou o que não devia, talvez não tenha sido suficientemente claro, corajoso ou competente. Cada vez o silêncio e a ausência trazem mais inquietação. No amor, isso é cruel.

Aguardamos. Quando preparamos um alimento, seu sabor. Quando plantamos, o florescer. O que criamos, seja projeto, gente ou bicho, crescer. Imagino sempre a espera da mãe por um filho, o misto de angústia, alegria, medo. Concluo que todos sempre temos, de alguma forma, gestações que nos trazem os mesmos sentimentos.

Esperamos que nada nos faça mal, e que não façamos inimigos. Que sobrevivamos com alguma dignidade, força e saúde porque o contrário é a morte, a tal única certeza um dia. Esperamos ter razão.

Haja paciência.

*Marli Gonçalves é jornalista, consultora de comunicação, editora do Chumbo Gordo, autora de *Feminismo no Cotidiano – Bom para mulheres. E para homens também*, pela Editora Contexto.

Nasce uma criança, nasce uma mãe empreendedora

Por Manoel Goes*

As motivações para empreender são diferentes entre mulheres e homens. A maternidade é um gatilho muito forte. Nasce uma criança, nasce uma mãe empreendedora junto. Os ambientes corporativos ainda são muito hostis para as mulheres. Elas não vão empreender porque querem ou porque acham fofinhas. Elas são empurradas, até hoje. É bem diferente a forma de como as mulheres empreendem. Setenta por cento delas empreendem nas áreas de conforto da mulher: moda, beleza, alimentação fora de casa e serviço de estética. Já os homens não necessariamente procuram áreas de conforto, mas oportunidade de negócio. As mulheres às vezes encontram o caminho da oportunidade, mas através do caminho da necessidade.

O que é desafiador para as mulheres ao empreender aqui no Brasil, é que não é um país amigável para empreendedores em geral. É muito burocrático, é difícil, não incentiva a inovação em um modo geral, elas têm menos acesso a recursos financeiros do que os homens. Menos crédito no geral, seja bancário ou seja investimento e fundos. Ter menos acesso ao capital é uma situação ruim para os negócios. A chance de o negócio crescer e se desenvolver é muito menor. É difícil o acesso ao mercado, ao local onde ela venderá o seu produto ou serviço. As mulheres não são treinadas desde cedo para vender, exceto situações específicas de vendedoras natas. A maioria não tem essa característica de vendas,

e precisam desenvolvê-la. Seria muito importante que tivéssemos mais espaços onde as mulheres pudessem aprender, e poder vender.

Um outro ponto, é o desequilíbrio entre o trabalho e o doméstico. Sabemos que existe um déficit gigantesco nas vagas de creche no Brasil. Imaginem a mulher empreender e não ter onde deixar suas crianças, especialmente sendo uma mulher em situação de vulnerabilidade. Essa situação é um problema dentro da chamada economia do cuidado. Cerca de 80% do trabalho não remunerado do mundo é feito por mulheres. Esse trabalho de cuidado com filhos, de doentes, de famílias e idosos, precisa ser reconhecido, valorizado e dividido com os companheiros. É outro fator que impede o desenvolvimento de negócios por mulheres. Necessário contribuir com a inclusão econômica de mulheres em situação de vulnerabilidade social, proporcionando a elas liberdade de decisão e independência financeira.

E um último ponto é a conexão com o ambiente de inovação. Temos que mostrar que o território do dinheiro também é um território feminino. Um conselho importante é ter paciência. Temos um senso de urgência, de que as coisas têm que dar certo rápido. Importante que a mulher não tenha vergonha de pedir ajuda, e medo de ser julgada pelos outros. Parece que pedir ajuda é um sinal de fraqueza, mas não é. Mas pedir ajuda é sinal de muita força, é ter consciência de que você precisa do outro.

Uma outra coisa muito importante, especialmente nesses tempos em que vivemos, é não medir o seu sucesso pela régua dos outros. Olhando as redes sociais, o que mais vemos são mulheres falando que fulana(o) tem mais seguidores(as), isso ou aquilo. Sucesso é uma medida individual. A mulher tem que se medir por si mesma, pelo o que está buscando, por quais desafios quer enfrentar, trabalhando a sua saúde mental e o seu autoconhecimento. São pontos que fazem a diferença para o sucesso de qualquer pessoa.

*Manoel Goes Neto é escritor, produtor cultural e diretor no IHGES.

Conversa sobre literatura

Por André Amado*

A literatura é uma arte de extrema complexidade. Presta-se a várias tentativas de definição. Antonio Candido, por exemplo, defende que, quando se fala de literatura, se fala “dessa relação misteriosa que há entre o senso de realidade e a necessidade de fantasia”. O Júlio Cortázar considera que “toda literatura é sempre expressão direta ou indireta da realidade”. García Márquez divertia-se quando elogiavam sua obra “sobretudo pela imaginação”, sendo que, “na verdade, não houve nela uma única linha baseada na realidade”.

Não bastasse a riqueza dessas percepções, Tzvetan Todorov introduz um complicador. Segundo ele, “a realidade que a literatura aspira compreender é a experiência humana”, o que, para Marcel Proust, significa dizer que “a verdadeira vida, a vida por fim esclarecida e descoberta, portanto plenamente vivida, é a literatura”.

Fácil de entender a dificuldade de escrever um livro que abarque não só os mistérios e os encantamentos da produção literária, mas também as diferenças conceituais do tema; a arte de escrever; a função da literatura nesse processo que, segundo Mallarmé, sempre terminará em um livro; o livro em si, afinal a concretização de todo esforço produtivo; e, ao lado de tantos outros aspectos, o papel do personagem na criação.

O desafio agiganta-se diante do reconhecimento de que sou

crítico literário; apenas um leitor voraz, que, embora interessado em conhecer mais e melhor a magia da literatura, cometeria crime de soberba se embarcasse sozinho nessa aventura. Recorri, então, a escritores, críticos, acadêmicos, jornalistas, estudiosos de temas literários, consciente de que me deveria impor duas condições. A primeira: não sendo possível simplificar o complexo, qualquer esforço de resumir o que já foi amplamente dito e escrito pelos gigantes da literatura não caberia. E a segunda: o recurso às visões e reflexões do que qualifico como minhas fontes privilegiadas de consulta não se poderia confundir com um *vade mecum* de citações, uma espécie de roteiro exaustivo e definitivo de verdades literárias, se é que isso existe.

Sobre essas bases, inspirei-me em iniciativas bem-sucedidas de abordar a literatura em sua imensa amplitude pela exploração do esforço analítico dos mestres e pelo ordenamento dos respectivos ensaios teóricos e os ativos críticos do pensamento humanista, a partir de diálogos com interlocutores especializados, como a série de entrevistas organizadas pelo *The Paris Review of Interviews* e o *Correio Braziliense*, material da mais elevada qualidade para estudos sobre literatura.

A metodologia desses trabalhos deu-me a pista correta para que eu conduzisse a preparação e a execução do Conversa sobre literatura. Tanto mais porque, no exercício altamente gratificante de conversar com minhas referidas fontes de consulta, aprendi que a literatura não nasceu para dar respostas, mas, antes, para fazer perguntas, esclarecendo, de início, que as perguntas tendem a ser mais importantes do que as respostas, em sintonia com o que diz Joseph Conrad: “é minha a tarefa de fazer você [leitor] ver.”

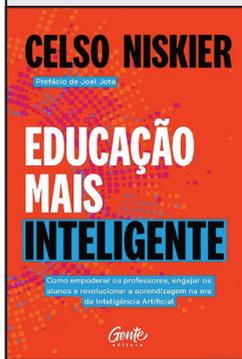
Este é, assim, um livro dedicado aos leitores, aos quais me associo na linha de frente da plateia.

*André Amado é diplomata, ensaísta e escritor.

J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



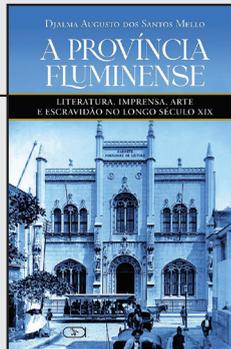
EDUCAÇÃO MAIS INTELIGENTE

Educação mais Inteligente – Como empoderar os professores, engajar os alunos e revolucionar a aprendizagem na era da Inteligência Artificial (Editora Gente), de Celso Niskier, reflete não só sobre os caminhos possíveis para a educação, mas também inspira, de forma clara e consistente, uma nova postura para os grandes protagonistas dessa revolução na aprendizagem: os professores. No prefácio, Joel Jota, empresário, ex-atleta da seleção brasileira de natação e escritor best-seller, destaca: “Este é um tema importante, atual e urgente. A

educação precisa de um novo olhar, e a tecnologia é a ferramenta para nos ajudar.” Ao longo das 190 páginas da obra, divididas em 11 capítulos, o autor mostra como os professores podem se reposicionar como facilitadores da aprendizagem e se tornarem guias que empoderam seus alunos. Respeitado gestor educacional, o carioca Celso Niskier é Doutor em Inteligência Artificial pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Fundador e reitor da UniCarioca, uma das principais instituições de ensino superior particular do Rio de Janeiro, Celso é também conselheiro do Conselho Nacional de Educação (CNE), presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) e membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável (CDESS) da Presidência da República, o “Conselhão”.

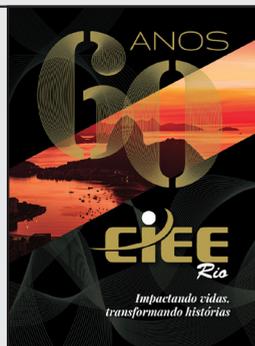
A PROVÍNCIA FLUMINENSE

A Província Fluminense (Ed. Ibis Libris), de Djalma Augusto dos Santos Mello, faz uma minuciosa incursão pela história da Imprensa brasileira, abordando as transformações na sociedade colonial na Região do Vale do Café fluminense, que fomentaram a Abolição da Escravatura e culminaram na Proclamação da República. Santos Mello pavimenta um caminho que vai de 1790 a 1930, abrangendo a ascensão da aristocracia cafeeira na Região do Vale do Café à sua derrocada. Ao longo desse percurso, debruça-se sobre importantes marcos históricos do país, além de curiosidades. Uma delas, por exemplo, explica uma expressão usada por nós até hoje: o termo “para inglês ver”. Diante da pressão exercida pela Inglaterra para o Brasil abolir a escravidão, foi decretada uma lei que levaria muito tempo para ser cumprida. Surgiu, então, a expressão “lei para inglês ver”. A obra mostra, entre outras, que o já respeitado Machado de Assis (1839-1908) publicou em jornal uma crônica elogiosa ao Carnaval. Djalma Augusto dos Santos Mello é graduado em Ciências Sociais pelo Centro Universitário Geraldo de Biassi, onde também pós-graduou-se em História da Literatura Brasileira do século XIX. É membro da Academia Volta-Redondense de Letras, da Academia Fluminense de Letras e da *Académie des Lettres et Arts Luso-Suisse*.



CIEE-RIO, IMPACTANDO VIDAS, TRANSFORMANDO HISTÓRIAS

Para celebrar o seu 60º aniversário, o Centro de Integração Empresa Escola do Rio de Janeiro (CIEE-Rio) lançou um livro histórico, registrando o legado de suas atividades ao longo dessa trajetória. Com capa e projeto gráfico de Isio Ghelman, o texto é da jornalista e escritora Manoela Ferrari, responsável também pela organização da pesquisa e do material iconográfico. Ao longo de 126 páginas, o leitor vai encontrar a somatória de sucessos da instituição, a partir da missão desbravada pelos fundadores de um dos melhores e mais impactantes programas sociais do país. Incansável em construir um legado de empoderamento e transformação positiva, ao longo desses 60 anos, o CIEE-Rio aprimorou, continuamente, os serviços prestados ao Estado. Com ações socioassistenciais que englobam a promoção de conhecimento e fortalecimento de vínculos de jovens em situação de vulnerabilidade, realizou mudanças sociais e impactou famílias em diversos municípios. Na apresentação, a presidente do Conselho Andreia Niskier Ghelman fala das oportunidades e do orgulho da jornada, apontando para um futuro inovador. O presidente emérito Arnaldo Niskier – que presidiu a ONG por 15 anos – destacou “a alegria de trabalhar no CIEE” e o superintendente



executivo, Luiz Coppola, discorreu sobre “a jornada afetiva” na instituição.

GENTE QUE VAI COMIGO

Gente que Vai Comigo – Um certo olhar pela cidade (Ed. iVentura, 2024), de Marlene Montezi Blois, é a narrativa de uma história que se passa dentro de um ônibus, contada por alguém que faz o mesmo trajeto casa-trabalho de segunda a sexta-feira. Coadjuvantes são os passageiros que participam anonimamente da viagem, em um “entra e sai” ao longo do caminho, sem saber que há ouvidos e olhos atentos a observá-los. Retalhos de conversas são captados, mostrando um pouco de cada um. O trajeto, com suas ruas, prédios, igrejas, lojas e muros, e cria o cenário que também ganha espaço e faz parte da narrativa. A imaginação do narrador vai além do observado. São lembranças de outros tempos, são percepções que levam a criar enredos paralelos sobre o visto e ouvido. Os caminhos de uma cidade (Rio de Janeiro), perdidos lá pelos anos 1960, não são apenas pano de fundo da história, são parte dela e de sua gente, com seus sonhos, perdas e ganhos. Graduada em Português-Literatura e Mestre em Tecnologia Educacional, a radialista, professora, poeta, escritora e artista plástica Marlene Montezi Blois é autora, entre várias outras publicações, do livro *Reencontros com Paulo Freire e seus Amigos*.



CUIDE DOS SEUS ACHADOS, ESQUEÇA OS SEUS PERDIDOS

Cuide dos seus Achados, Esqueça os seus Perdidos (Ed. Citadel), livro de estreia de Aurê Aguiar, figura na lista semanal de best-sellers da *Publishnews*, portal especializado em notícias e informações sobre o mercado editorial no Brasil. Com distribuição nacional da Citadel, a obra está em quarto lugar na seleção dos títulos mais vendidos pela editora com autores em língua portuguesa, no segmento Desenvolvimento Pessoal. Na categoria geral, que envolve outras editoras, o livro ocupa o 11º lugar. A narrativa versa sobre a resignificação das perdas. Trata-se de uma prosa poética com palavras que, segundo a autora, “acolhem, como se fossem um abraço literário”: “A força de cura das palavras é tremenda e isso está para além delas”, define. Aurê Aguiar nasceu em Minas Gerais, mas cresceu, estudou e construiu sua carreira como jornalista em Vitória (ES). Formada em Comunicação Social na Universidade Federal do Estado, com MBAs em Marketing e Transformação Digital, atuou por mais de 15 anos na Rede Gazeta, a afiliada local da Rede Globo, onde chegou a CEO de Rádios e Novas Mídias, e depois criou a própria empresa, a Crossmedia Comunicação Integrada, primeira agência 360 graus do Espírito Santo.



CARMEN & ANTONIA

A caprichada publicação *Carmen & Antonia – Duas gerações à mesa* (AF Edições), com concepção e texto de Antonia Mayrink Veiga Frering, reúne dicas de decoração, etiqueta à mesa e receitas culinárias. O bom gosto, a elegância e o requinte temperam as 174 páginas, impressas na Gráfica Ipsis, com a direção de arte cuidada de Victor Burton. As fotografias elaboradas com o olhar acurado de Romulo Fialdini acompanham o tom refinado da obra. Dividida em sete partes (“As mesas”, “Entradas”, “Pratos Principais”, “Doces”, “Diversos” e “As Receitas”), o livro conta ainda com uma tradução em inglês. Na apresentação, a autora explica de onde surgiu a ideia para a publicação, motivada não só pela memória afetiva como também pelo desejo de dividir com admiradores da mãe, Carmen, e seguidores das suas redes sociais algo que lhes desperta curiosidade e interesse: a arte de receber. Em meio a aromas, sabores e cores, as páginas convidam o leitor a transitar através de mesas, receitas e gerações. Antonia Frering é casada, mãe de três filhos, avó de gêmeos e cofundadora do Instituto Desiderata. Atriz, já atuou em várias novelas, peças de teatro e filmes. É autora de dois livros infantis: *Maricota Pipoca* e *Amigos da floresta*.



PAULO ALONSO

A história de um Reitor



Arnaldo Niskier: Hoje, tenho o prazer imenso de receber a visita do Magnífico Reitor da Universidade Santa Úrsula, professor Paulo Alonso. Ele tem várias formações em nível superior. Porque a escolha do Direito e do Jornalismo, professor Paulo Alonso?

Paulo Alonso: Primeiramente, muito obrigado, professor Arnaldo. Estar aqui junto ao senhor, sendo entrevistado por um educador, uma referência na educação superior, uma referência na educação do Brasil, além de um grande jornalista e um escritor dos mais respeitáveis. Na realidade, comecei estudando no curso de Direito por influência do meu pai, advogado, o meu avô, também advogado, e ele gostaria que o herdeiro seguisse a carreira de Direito. Fiz o curso de Direito e, quando estava no meio desse curso – que fiz inclusive na Universidade Santa Úrsula, onde faço questão sempre de dizer que acho que é o orgulho de ser aluno, de aluno a reitor na mesma universidade – resolvi fazer o curso de Jornalismo. Terminava o curso de Direito de manhã e fazia o curso de Jornalismo à noite.

Arnaldo Niskier: Foi ao mesmo tempo?

Paulo Alonso: Ao mesmo tempo, os dois últimos anos do Direito e os dois primeiros anos de Jornalismo. Ao finalizar o curso de Direito, o meu pai falou assim: “Faz um concurso.” Fiz um concurso para o Ministério Público do Rio de Janeiro. Não estudei absolutamente nada e passei na primeira prova, o meu pai ficou exultante porque eu passei na prova do Ministério Público. Entre o Direito e o Jornalismo, já estava me identificando muito mais com o Jornalismo. Fiz a primeira prova, passei; na segunda prova, não passei, não fiquei triste pelo fato de não ter passado. Ao mesmo tempo, naquela época, *O Globo* fazia um concurso para *trainee*, então eram 400 candidatos inscritos, uma coisa assim, e, no final, cinco deles eram contratados. E fiquei dentre esses cinco. Então comecei a minha carreira na realidade, no jornalismo, no jornal *O Globo*, onde eu fiquei dez, onze anos, até que fui convidado para ir para a Faculdade da Cidade, que era uma faculdade que começava, ali em Ipanema, resultado de fusões ou outras instituições. E fiquei 22 anos desde a Faculdade da Cidade até o credenciamento dela em Centro Universitário da Cidade.

Arnaldo Niskier: A Faculdade da Cidade nasceu no Colégio Brasileiro de Almeida, dirigido pela nossa amiga querida e colega Edília Coelho Garcia.

Paulo Alonso – Eu fiquei 22 anos ali, aprendi muito, fui de professor a reitor durante muitos anos e depois fui tomar outros caminhos na vida. Continuo a escrever no *Monitor Mercantil*. Vez por outra, escrevo um artigo no *Jornal de Brasília* e em outros periódicos. Enfim, nunca deixei de escrever, mas sem o vínculo com as redações, o que faz alguma falta.

Arnaldo Niskier: Outro dia, no Conselho de Notáveis da Confederação Nacional do Comércio de Bens e Serviços e Turismo, você fez uma palestra maravilhosa sobre o ensino superior e as perspectivas do ensino a distância. Mas você não foi muito otimista nessa palestra. Você não acredita no ensino a distância?

Paulo Alonso: Acredito na educação a distância, porque, num país gigantesco como é o Brasil, que na realidade é um país continental com 8.500.000 quilômetros, com 260 milhões de habitantes, é imprescindível que o Brasil tenha o ensino a distância, que adote a modalidade a distância. O que vejo, lamentavelmente, é que nem todas as instituições que oferecem o ensino a distância oferecem com qualidade. Há instituições, por exemplo, que ofertam ensino a distância por R\$49,90.

Arnaldo Niskier: Como pagar bem os professores?

Paulo Alonso: Como pode uma instituição pagar bem aos professores com uma mensalidade de R\$49,90? Essa é uma questão. Outra questão: a legislação brasileira diz que tutores e professores devam ser treinados, capacitados, porque é uma dinâmica diferente do que é uma aula presencial. Eu não identifico esses treinamentos nem essas capacitações. Pior do que tudo isso é que a legislação também diz que, na educação a distância, as provas devem ser presenciais, nos polos espalhados das instituições que são credenciadas. Poucas são as instituições que fazem com que seus alunos se dirijam aos polos para fazerem as provas. Ou seja, é meio que uma enganção, porque, se as provas não são presenciais e não existe, vamos dizer assim, uma fiscalização do tutor ou do professor no momento em que a prova é aplicada, os alunos consultam o Google, os livros, a internet, os amigos e trazem respostas prontas para todas as questões. Vejo que, em boa hora, o ministro Camilo Penna suspendeu os novos processos de credenciamento de instituições a distância, suspendeu a criação de polos em educação a distância e suspendeu a oferta de cursos em educação a distância até 2025, quando terá sido feito, dentro do Ministério da Educação, um estudo aprofundado sobre a importância da educação a distância, mas com novas formas de avaliação da própria educação a distância, novos parâmetros de avaliação de educação a distância. Vejo que o Brasil não pode prescindir da educação a distância, mas tem que ser com muito mais seriedade em oferta. É claro que nos grandes rincões do Amazonas, do Pará, dos antigos territórios ou mesmo no interior dos estados do Nordeste, do Norte e até mesmo no Centro-Oeste, há necessidade de educação a distância. Evidentemente que sim. Mas temos que formar alunos, bons alunos, porque não existe no diploma do aluno que se forma na graduação presencial e do aluno que se forma em educação a distância um selo, esse se formou em educação

a distância e esse presencial. Até porque seria muito ruim se isso fosse apontado.

Arnaldo Niskier: Se houvesse uma discriminação.

Paulo Alonso: Mas acontece que eu não posso colocar todos os alunos num mesmo patamar sem que a qualificação tenha sido a mesma.

Arnaldo Niskier: Muito interessante a sua digressão, porque é de uma pessoa muito experimentada. Quero perguntar agora ao nosso Magnífico Reitor a respeito da descontinuidade no Ministério da Educação. Num artigo seu muito apreciado, criticou essa descontinuidade e eu cito um dado que é seu. De 1930, quando começou o Ministério da Educação e Saúde na época, até agora foram mais de 57 ministros ocupando a pasta da Educação. Uma descontinuidade absurda, mas que é efetiva, aconteceu. Como é que o Brasil pode sobreviver com uma boa educação com tanta descontinuidade assim?

Paulo Alonso: É um milagre o Brasil ainda formar bons profissionais com tanta descontinuidade. O presidente Getúlio Vargas, em 1930, criou, como você diz, o Ministério da Educação e da Saúde. De 1930 a 2024, tivemos 57 ministros de Estado da Educação. Se você divide o número de anos com o número de ministros, vamos ter ministros que permaneceram no governo por 3 anos. Só tivemos três grandes exceções: Gustavo Capanema, na época do Getúlio Vargas, Paulo Renato de Souza, na época do Fernando Henrique Cardoso, oito anos; e Fernando Haddad, que pegou um pedaço do Lula e o outro período da Dilma Rousseff, de sete anos e pouco. Então, se tivemos 57 ministros nesse período, de 1930 para cá e três ministros ficaram quase 27 anos no poder, vamos verificar que todos os demais ministros ficaram 1, 3 anos apenas no MEC. Essa descontinuidade de política pública, na área educacional, reflete claramente numa educação no nosso país que até esse momento não se tornou prioridade do Estado brasileiro. É diferente se você pegar os países que formam os tigres asiáticos, por exemplo, que investiram maciçamente na educação e hoje eles têm pessoas formadas e exercendo funções das mais relevantes e dando a esses países aquilo que eles receberam na educação. O Brasil é um país continental, tem menos de 3000 instituições de educação superior. Tivemos 57 ministros nesse tempo todo. Então, como que se projeta um país continental que não aposta na educação como prioridade? E quando sabemos também que, sem educação, não pode existir uma nação desenvolvida com ordem e progresso. Enquanto seus governantes não acreditarem, não investirem firmemente na educação, continuaremos sendo sempre observados pelas outras nações como país ainda em desenvolvimento, um país subdesenvolvido ou um país que, dentre os 17 da América Latina é o 13º com o menor salário mínimo, o que demonstra as suas fraquezas gigantescas. O Brasil precisa ter profissionais que criem políticas públicas efetivas de valorização da educação. Desde a creche, passando pela educação infantil, pela educação fundamental, pelo ensino superior, pela graduação e pelos programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Arnaldo Niskier: E você vê, porque é um educador muito atento e muito cioso o drama do ensino médio. Cada vez se esvazia mais o ensino médio, tem a geração “nem, nem”, nem estuda, nem trabalha, e a gente não vê uma solução à vista. Farei uma pergunta sobre o ensino de Medicina e educação a distância. Há uma discrepância entre um e outro?

Paulo Alonso: Não quero ser antiquado com o meu comentário, mas quero dizer a você que não acredito que o curso de Medicina deva ser ofertado a distância até que se corrijam as anomalias do ensino no Brasil, porque o curso de Medicina é um curso muito complexo. Ele demanda laboratórios na instituição, convênios com os hospitais, demanda um curso com muita especificidade. E creio que o Brasil, nesse momento, não está preparado para a oferta de um curso de Medicina. Inclusive volto a dizer que acho que o posicionamento do ministro Camilo Santana é um posicionamento interessante. Na Portaria 2041, de 29 de novembro de 2023, ele resolveu sobrestar os processos de autorização de curso superior na modalidade a distância.

Arnaldo Niskier: No Conselho Nacional de Educação.

Paulo Alonso: Dentre eles, o de Biomedicina, o de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição e Odontologia. Então, ele proíbe, até que uma comissão seja constituída, que estude com profundidade a questão da educação a distância, que esses cursos possam ser alcançados na modalidade a distância. Ele também proibiu cursos novos de licenciatura, porque a nossa Pedagogia estava sendo oferecida por R\$49, com a primeira mensalidade, muitas vezes, não cobrada. E como é que você pode oferecer um curso de Pedagogia, que é a formação do aluno brasileiro, a formação de quem quer ser professor por um preço absolutamente irrisório? E qual é a qualificação dos professores para ensinar aos alunos na Pedagogia? Voltando à sua pergunta absolutamente pertinente em relação à Medicina, nesse momento, sou totalmente contrário à oferta do curso de Medicina pelas especificidades do curso. Se o Brasil efetivamente criar uma política pública de educação a distância com seriedade, comprometimento, responsabilidade, qualificação acadêmica, quem sabe daqui a alguns anos poderemos voltar a pensar na criação do curso de Medicina a distância, mas por ora acredito que seria uma temeridade, até porque temos médicos muito mal formados e os jornais, os noticiários, demonstram isso.

Arnaldo Niskier: Estão matando gente.

Paulo Alonso: Você vai operar o joelho esquerdo e opera o joelho direito; vai fazer uma cirurgia no braço, opera o outro braço e matam pessoas. São cursos presenciais, imagina se fomos ter esses cursos a distância.

Arnaldo Niskier: Pois é, você tem toda, comungo desse seu ponto de vista. São necessários cuidados especiais em relação à matéria, porque senão a gente vai se dar muito mal.

Paulo Alonso: Você foi Secretário de Estado de Educação aqui no Rio de Janeiro e várias outras vezes secretário e verifica que da sua época como Secretário estadual de Educação até agora como as escolas se encontram sem professores, com água caindo nas salas, baldes nas salas, rodo, sem nenhuma infraestrutura. Então, como é que se quer um Brasil gigante, formar cidadãos, se não damos para a educação a atenção necessária em todos os níveis de ensino?

Arnaldo Niskier: Você vê a crise na UERJ, que é a principal Universidade do Estado. Alunos invadiram a Universidade, não queriam sair de jeito nenhum. Essa é uma política arrevesada de certos partidos e que a gente não pode defender e que só depõe contra o ensino de um modo geral.

Paulo Alonso: Com certeza. Além da

desordem feita na UERJ, quebraram o mobiliário, computadores, cadeiras, biblioteca...

Arnaldo Niskier: Gente fina.

Paulo Alonso: Gente finíssima. Quase destruíram a UERJ e estamos no final do mês de setembro. Não teve aula ainda e o prejuízo é para toda a comunidade que estuda nos seus cursos.

Arnaldo Niskier: Você falou coisas muito judiciosas a respeito da educação a distância, mas ficou uma curiosidade no meu espírito de educador. Como formar esses especialistas, esses profissionais que vão lidar com a educação a distância?

Paulo Alonso: Em primeiro lugar, acho que a partir do momento que a instituição quer credenciar um curso ou ela própria para oferta de educação a distância, tem que ter um projeto pedagógico do curso. E o projeto pedagógico não se encerra apenas na escolha de disciplinas, nem de bibliografia e eventuais laboratórios, mas, sobretudo, há que se formar os professores e os tutores. Notamos claramente que não existe esse entendimento nem essa prática em 80% das instituições que estão ministrando cursos de educação a distância. São pessoas que leem um pouquinho sobre educação a distância ou são professores antigos, tradicionais em educação presencial e que são migrados também para oferta da educação a distância. É muito diferente de um professor que tem uma formação presencial, porque, na educação a distância, o tutor ou o professor tem que ter clareza, tem que ter entendimento digital, tem que ter uma biblioteca que ele vá consultar também digitalmente.

Arnaldo Niskier: E agora vem aí a tal da inteligência artificial.

Paulo Alonso: E tem a inteligência artificial que você fez uma belíssima palestra, na CNC, sobre essa temática de inteligência artificial. Ele tem que ter o domínio digital, tem que ter senso de liderança. Se ele não tiver senso de liderança, como é que ele vai num *chat*, quando ele estaria dando aula ou ele estaria dialogando sobre determinado assunto, e enfrentar 100, 200 alunos? Ele tem que ter carisma. Então, existem coisas, liderança e carisma, por exemplo, que a gente não estuda, a gente tem ou não tem, mas o conhecimento, sim. O conhecimento digital, sim.

Arnaldo Niskier: Pode ser adquirido.

Paulo Alonso: Pode ser adquirido, deve ser adquirido, deve ser investido. Se a instituição não investe no tutor nem no professor a distância, ele tampouco fará esse investimento, porque já ganha o salário, que não é dos melhores. Muitas vezes está desestimulado até com a profissão que escolheu. Não tem uma outra opção. Cabe ao mantenedor, aos instituidores das instituições fazer com que o seu professor, o seu tutor a distância, tenha treinamento, tenha capacitação e não é uma capacitação de começo de curso e acabou. É uma capacitação ao longo do tempo, porque as ferramentas digitais cada vez mais evoluem e, se não houver a permanência da capacitação, o professor será um medíocre, o tutor será um medíocre. E qual será o resultado do aluno? A mediocridade daquilo que ele poderá ou não aprender.

Arnaldo Niskier: Você durante muito tempo foi um especialista em avaliação de cursos superiores. Isso tem um nome no Ministério da Educação. Você ainda exerce essas funções

Paulo Alonso: Sim. Avaliador institucional e avaliador de curso no Inep.

Arnaldo Niskier: Com que cuidados?

Paulo Alonso: Eu tenho o máximo de cuidado, porque acho que o avaliador de cursos para a autorização, reconhecimento, renovação de reconhecimento ou institucional, para credenciar e credenciar ou renovar credenciamento, tem que ter primeiro clareza da legislação. Tem que estar bem informado sobre todas as portarias do Conselho, de tudo que emana do Conselho Nacional de Educação e que chega ao Gabinete do Ministro para homologação, ou seja, os pareceres que vêm do Conselho Nacional. Você foi seis ou sete anos conselheiro do Conselho Federal de Educação e sabe a importância que o Conselho Nacional de Educação tem na vida brasileira da educação.

Arnaldo Niskier: Tem muita.

Paulo Alonso: Então o avaliador que não passa por uma capacitação maior e que não conhece o Inep, porque o Inep hoje é um a partir da Maria Helena Guimarães Castro, que foi a presidente do Inep na gestão do Paulo Renato, que até então estava adormecido. Ali ela deu uma importância...

Arnaldo Niskier: Deu uma vida.

Paulo Alonso: Deu uma importância e uma vida ao Inep de forma extraordinária. E acho que tudo isso que vivemos hoje no Inep é fruto de uma gestão séria, de uma educadora, de uma pessoa formadora, de uma pessoa absolutamente extraordinária. Acho que os formulários do Inep só precisariam estar um pouco mais adaptados à regionalidade das instituições, porque eu não posso cobrar número de doutores de um curso de Direito no Rio, São Paulo, Brasília e na mesma proporção de números de professores doutores de qualquer curso no interior do Brasil, no norte do Brasil e na Amazônia. Então, acredito que essa questão do regionalismo deveria ser colocada nos formulários do Inep para que uma instituição que não esteja numa boa localização não seja prejudicada por uma produção científica dos seus professores, que evidentemente não é a produção científica de um professor do Rio, de São Paulo ou de Brasília. Até porque não pode ser, porque ele não tem condições para ter uma boa produção científica, a não ser que ele busque instituições do Cone Sul, Sudeste, mande seus artigos para que eles possam eventualmente ser aprovados em livros etc. Então é um formulário que é Brasil, mas o Brasil são vários Brasis. Nós temos cinco Brasis, pelo menos. Cada região é um Brasil diferente. Então, acredito que essa seja uma questão que o Inep deveria estudar. E lembrando que, no governo passado, tivemos quatro ministros da Educação e cinco presidentes do Inep em quatro anos de governo. Então olhe o caos que o Brasil viveu na área da educação, sem falar da segurança pública, da saúde, da habitação, dentre outros. Volto a dizer, a frisar e repetir, acho que esse é um mantra que carrego, se o Brasil não investir na educação continuaremos sendo esse Brasil gigantesco, no tamanho gigantesco na população, mas ainda muito pequeno na educação em todos os níveis.

Arnaldo Niskier: Você disse na sua palestra na Confederação Nacional do Comércio que a educação é um investimento. Que a gente deve praticar diariamente.

Paulo Alonso: Diariamente. A gente não pode pensar jamais que a educação é custo, a educação é investimento, não é gasto. Se eu não investir na educação, nunca terei um país desenvolvido, um país que possa brigar nas nações mais evoluídas.

O universo de Portinari em diálogo com a literatura

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Fotos: Michael Félix

“Entre pincéis e palavras: o universo de Portinari em diálogo com a literatura” foi o título do seminário que o professor e escritor João Candido Portinari, filho do pintor Candido Portinari, presenteou os que tiveram a oportunidade de comparecer ao Teatro Raymundo Magalhães Jr, para assistir ao Ciclo de Conferências coordenado pela acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira, no início de setembro.

Durante a aplaudida palestra, foram apresentados os bastidores da criação e instalação dos monumentais painéis *Guerra e Paz*, na sede da ONU, em Nova York, destacando sua importância como patrimônio artístico e símbolo da aspiração humana pela paz.

O professor João Candido também abordou a primeira itinerância dos painéis, que incluiu sua restauração no Brasil e exposições em importantes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Paris, culminando com seu retorno à ONU, em 2015.

Entre os objetivos da conferência, a proposta de uma reflexão sobre a atualidade dos painéis *Guerra e Paz*, presente do Brasil às Nações Unidas em 1957. Segundo João Candido, a obra, que retrata a dicotomia entre a destruição e a esperança, mantém sua relevância e trágica atualidade mesmo após mais de meio século, ecoando nos conflitos e desafios contemporâneos.

João Cândido é responsável pelo Projeto Portinari – uma das mais significativas contribuições à formação cultural, estética, da juventude brasileira – cujo objetivo se aproxima muito da missão da Academia Brasileira de Letras: o respeito, a preservação e a devoção à memória de personalidades que ajudaram a construir e difundir a cultura do nosso país.

Criado em 1979, o Projeto Portinari está completando 45 anos este ano, mais da metade da vida do seu fundador e até hoje diretor-geral, que está com 85. Dirigindo-se ao pai em carta-prefácio póstuma, que introduz a primeira publicação do Projeto Portinari, João Candido declarou: “(...) é como brasileiro que me sinto no dever de trabalhar para que todos possamos nos reencontrar com tua obra e, através dela, com nós mesmos”.

Inicialmente direcionado ao resgate sistemático, minucioso e abrangente da vida e da produção artística de Candido Portinari,

assim como do contexto histórico em que ele viveu, o projeto busca, igualmente, integrar a obra do artista no serviço de um propósito mais amplo: a busca da nossa identidade cultural e a preservação da memória nacional. Da mesma forma, almeja contribuir para uma ação socio-cultural abrangente, visando aprimorar a compreensão do processo histórico e cultural brasileiro. Seu acervo é resultado do levantamento e catalogação de mais de 5.200 obras e 30 mil documentos relacionando-os entre si, e com as obras. Entre esses documentos, encontram-se 6 mil correspondências, 12 mil recortes de jornais e periódicos, 2.900 fotografias de época, depoimentos, catálogos de exposições e de leilões e textos. O acesso à obra de Portinari, que está em grande parte nas mãos de colecionadores particulares, pode ser acessada através do site www.portinari.org.br.

Atualmente, o Projeto enfrenta seu maior desafio: levar os painéis *Guerra e Paz*, que estão na ONU em Nova Iorque, para a Itália, em maio do ano que vem, e, depois, para a COP30, em Belém do Pará. Segundo João Candido, trata-se de um antigo sonho levar Portinari para o norte do nosso país, algo que acontecerá pela primeira vez. E terminar na China, em janeiro de 2026, no Museu Nacional da China.

A obra de Portinari transcende o tempo e o espaço, confrontando-nos com a realidade da guerra e a necessidade premente da paz. A palestra buscou inspirar a reflexão e a ação em prol de um futuro mais harmonioso para a humanidade.

O ARTISTA

Candido Portinari nasceu em 29 de dezembro de 1903, numa fazenda de café, perto do pequeno povoado de Brodowski, no estado de São Paulo. Filho de imigrantes italianos, de origem humilde, teve uma infância pobre. Recebeu apenas a instrução primária. Desde criança manifestou sua vocação artística. Começou a pintar aos nove anos. E, do cafezal às Nações Unidas, ele se tornou um dos maiores pintores do seu tempo.

O ser humano é o cerne de sua obra. Preocupado com a temática social, retratou em cores fortes e impactantes a realidade do povo brasileiro. Mas também há um lado lírico em suas obras, que remete às lembranças de sua infância em Brodowski – as crianças brincando pelas ruas, os casais enamorados, os trabalhadores rurais – representando o ser humano em momentos de ternura, solidariedade e paz.

Portinari ganhou reconhecimento tanto no Brasil quanto no exterior, por sua produção artística e seu engajamento cultural e humanistas. Suas exposições, prêmios e honrarias, bem como o respeito que conquistou, demonstram sua importância. Ele é motivo de orgulho para o povo brasileiro, que se vê representado em sua obra.

Durante a última década de sua vida, Portinari criou os famosos painéis *Guerra e Paz* para a sede das Nações Unidas, uma obra-prima que representa sua contribuição mais universal e profunda. Para o filho João Candido, essa obra constitui o maior trabalho de toda a vida do pintor: “O mais universal, o mais profundo, também, em seu majestoso diálogo entre o trágico e o lírico, entre a fúria e a ternura, entre o drama e a poesia.”

Na avaliação do artista Enrico Bianco, as obras *Guerra e Paz* “são as duas grandes páginas da emocionante comunicação que o filósofo/pintor entrega à humanidade.”

Se pintar era um ato praticado com tanta dedicação e amor, pode-se dizer que Portinari morreu amando. Depois de contrariar as ordens médicas para se afastar do seu ofício, em 6 de fevereiro de 1962, o pintor morreu devido à intoxicação causada pelos metais pesados contidos nas tintas que usava em sua arte.

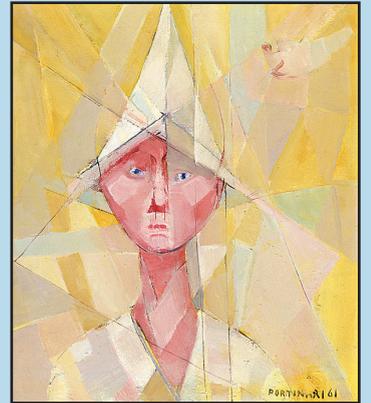
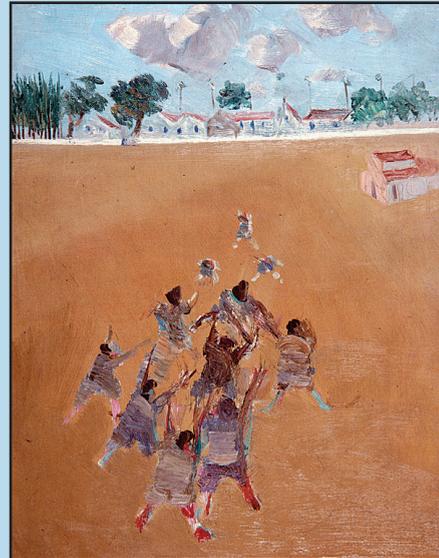
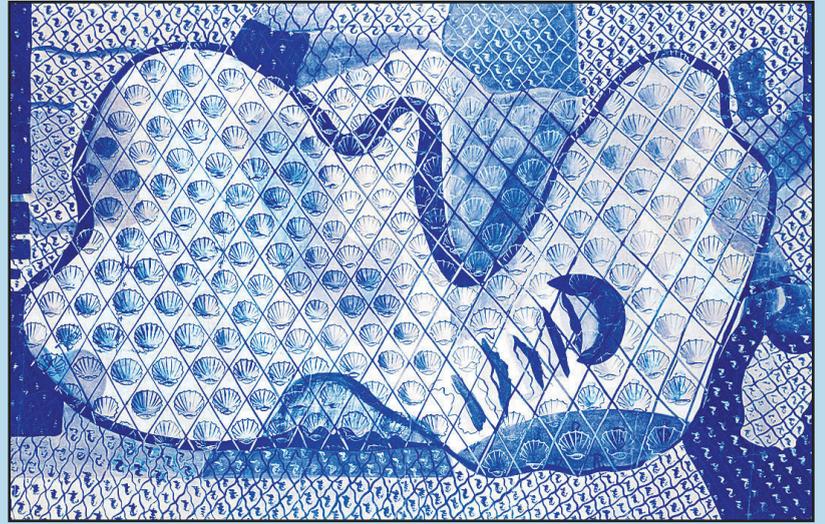


À convite do Itamaraty, Portinari pintou os painéis *Guerra e Paz* para a decoração do edifício-sede da ONU, em Nova York. Os temas escolhidos foram a guerra e a paz, síntese das preocupações e do trabalho da Organização das Nações Unidas. Em setembro de 1957, os painéis foram inaugurados.

Três dias após o seu funeral, Carlos Drummond de Andrade dedicou-lhe o poema “A mão”:

Entre o cafezal e o sonho
o garoto pinta uma estrela dourada
na parede da capela,
e nada mais resiste à mão pintora.
A mão cresce e pinta
o que não é para ser pintado mas sofrido.
A mão está sempre compondo
módul-murmurando
o que escapou à fadiga da Criação e revê ensaios de formas
e corrige o oblíquo pelo aéreo
e semeia margaridinhas de bem-querer no baú dos vencidos.
A mão cresce mais e faz
do mundo-como-se-repete o mundo que telequeremos.
A mão sabe a cor da cor
e com ela veste o nu e o invisível.
Tudo tem explicação porque tudo tem (nova) cor.
Tudo existe porque foi pintado à feição de laranja mágica
não para aplacar a sede dos companheiros,
principalmente para aguçá-la
até o limite do sentimento da terra domicílio do homem.
Entre o sonho e o cafezal
entre a guerra e paz
entre mártires, ofendidos,
músicos, jangadas, pandorgas,
entre os roceiros mecanizados de Israel,
a memória de Giotto e o aroma primeiro do Brasil
entre o amor e o ofício
eis que a mão decide:
todos os meninos, ainda os mais desgraçados
sejam vertiginosamente felizes
como feliz é o retrato
múltiplo verde-róseo em duas gerações
da criança que balança como flor no cosmo
e torna humilde, serviçal e doméstica a mão excedente
em seu poder de encantação.
Agora há uma verdade sem angústia
mesmo no estar-angustiado.
O que era dor é flor, conhecimento
plástico do mundo.
E por assim haver disposto o essencial,
deixando o resto aos doutores de Bizâncio,
bruscamente se cala
e voa para nunca-mais
a mão infinita
a mão-de-olhos-azuis de Candido Portinari.

de, de justiça social, de respeito à vida E o que mais a gente poderia querer passar para os nossos filhos e nossos netos, nesse mundo tão convulsionado que a gente vive, do que esses valores?”, concluiu João Candido.



No alto, Palácio Gustavo Capanema – Azulejos: Obra executada em 1945 para decorar o então Ministério da Educação e Saúde (Palácio Gustavo Capanema), Rio de Janeiro – RJ. Em sentido horário, Futebol em Brodowski (Candido Portinari, 1958); Cabeça de Menino com Chapéu (Candido Portinari, 1961); Igreja do Senhor Bom Jesus da Cana Verde, Batatais (Via Sacra), 1955 e, ao lado, Estudo Mulher (1955), para o mural Paz (Candido Portinari).

MISSÃO DO PROJETO

A palestra de João Candido Portinari concluiu com a apresentação da nova jornada global dos painéis, reforçando seu papel como um chamado universal à paz e à sustentabilidade. Em sua fala, resumiu a missão principal do Projeto: “Ficou muito claro para nós que nossa missão é educativa, voltada para as crianças e os jovens. Portinari não é um pintor abstrato. Ele não propõe linhas, volumes, cores, formas. Ele propõe uma reflexão profunda sobre a ética e o humanismo. Através de sua obra, ele passa valores de não violência, de fraternida-

Os acadêmicos prestigiaram a conferência de João Candido Portinari, na ABL.

A acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira organizou o Ciclo de Conferências que contou com a palestra de João Candido Portinari.

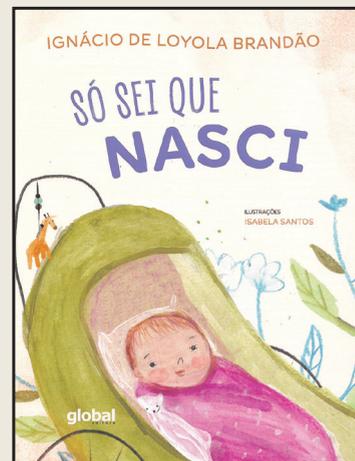


Começar de novo, com mais trabalho!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com



Só Sei que Nasci (Global) – A sensibilidade e emoção do avô, Ignácio de Loyola Brandão, imortal da Academia Brasileira de Letras, está presente em cada página desta obra delicada. O autor imagina Antonia descobrindo o mundo e tentando entender o que a cerca. As ilustrações de Isabela Santos enfeitam com suavidade essa celebração da vida.

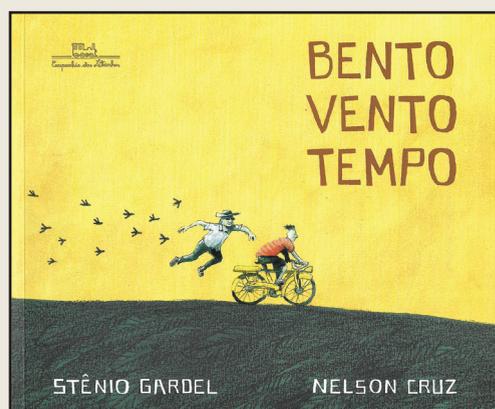


O ano começa com um novo desafio! O resultado do descaso com a cultura e a educação estão refletidos na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, que analisou os dados coletados a partir de 2019. O estudo destaca que, nos últimos quatro anos, houve a redução de 6, 7 milhões de leitores no país. Apenas entre a população de 11 a 13 anos (incluindo aí os livros didáticos) e a com mais de 70 anos, o percentual não diminuiu. Isto significa que precisamos implementar novas políticas para a ampliação da leitura, principalmente entre os mais jovens, com a aquisição e atualização de acervos para as bibliotecas públicas, escolares e comunitárias.

Os programas governamentais para a aquisição de livros de literatura estão com grande atraso, e está claro que precisam ser realizados e ampliados. O momento é de arregaçar as mangas e empregar todo o esforço possível para proporcionar o acesso aos livros e desenvolver programas de leitura.

Um triste exemplo dessa realidade foi o fechamento repentino do Instituto de Leitura Quindim, de Caxias do Sul, presidido pelo querido Volnei Canonica. O despejo chocou a todos e agora é preciso conseguir uma sede definitiva para que o Quindim continue a realizar os seus cursos, com a rica biblioteca ativa e inúmeras atividades para crianças e educadores. Mãos à obra!

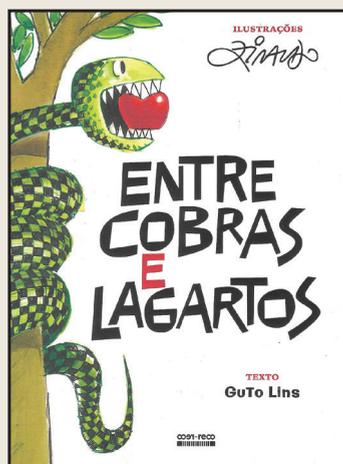
Nossa seleção de início de ano apresenta autores que nos envolvem com suas histórias, sentimentos... e que, com sensibilidade e criatividade, nos emocionam e encantam. E a Academia Brasileira de Letras se faz presente na literatura infantil!



Bento, Vento, Tempo (Companhia das Letrinhas) – O tempo passou e levou com ele a energia, a força e a memória do Vô Cacá, mas Bento não se conforma com isso e quer dar ao avô uma nova motivação. Com poesia que lembra o cordel e atravessando lugares e temas do Nordeste, Nelson Cruz, ilustrador

premiado pela Academia Brasileira de Letras, acompanha a narrativa de Stênio Gardel – realidade ou invenção –, que nos prende no fio da história.

Entre Cobras e Lagartos (Reco-Reco) – Guto Lins, com o apoio do Instituto Ziraldo, conseguiu realizar o sonho de escrever um livro com o mestre Zira. Assim nasceu *Entre Cobras e Lagartos*, que comprova a genialidade da dupla. Uma história divertida e que reuniu várias cobras e alguns lagartos desenhados por Ziraldo e, de quebra, a apresentação é do Roger Mello!



Kuján e os Meninos Sabidos (Companhia das Letrinhas) – Ailton Krenak é importante defensor dos direitos indígenas e do respeito à Terra. Vive em uma aldeia Krenak, em Minas Gerais, e também é membro da Academia Brasileira de Letras. O autor apresenta a lenda onde o

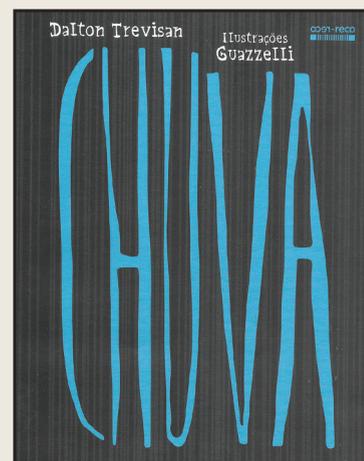
criador do mundo resolve visitar as suas criações. Disfarçado como um tamanduá, é aprisionado para a festa da aldeia. Dois meninos espertos descobrem a sua verdadeira identidade e aproveitam para ouvir histórias e aprender várias coisas com o Avô. O projeto visual e as ilustrações de Rita Carelli enriquecem a edição.



Ponto de Vista (Global) – Histórias paralelas de dois meninos em pontos socialmente distantes da Cidade Maravilhosa. A paisagem os contempla em pontos tão divergentes. Personagens diversos, como o golfinho, símbolo da cidade, e a gaivota, sempre presente na orla, torcem para esse encontro.

A leveza poética da também acadêmica Ana Maria Machado, da Academia Brasileira de Letras, nos faz ansiar por esse encontro. O jogo de cores e a luz de Luciano Tasso estimulam o nosso caminhar pela cidade partida. Será que eles vão se encontrar?

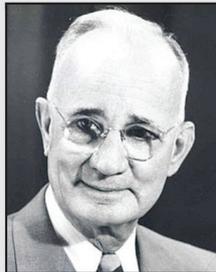
Chuva (Reco-Reco) – Dalton Trevisan foi um autor recluso, avesso a entrevistas e descrevia em seus contos os personagens curiosos da cidade de Curitiba, onde nasceu. Em seu novo selo – Reco-Reco –, o Grupo Record faz um recorte na obra do autor e edita um conto destinado ao público jovem, onde Guazzelli completa o texto com imagens do *não dito*, numa narrativa instigante durante um aguaceiro. Trevisan faleceu em dezembro de 2024, aos 99 anos.



BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

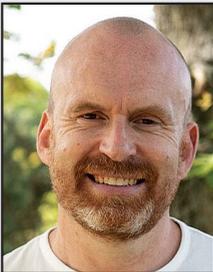


NAPOLEON HILL

(Pound, 26 de outubro de 1883 – Carolina do Sul, 8 de novembro de 1970) Escritor estadunidense influente na área de autoajuda. Aos treze

anos escreveu um pequeno jornal chamado *Mountain Reporter*. Em 1908, por causa de suas reportagens para o jornal, teve a oportunidade de entrevistar o industrial Andrew Carnegie, então homem mais rico do planeta. Dedicou mais de 20 anos de sua vida entrevistando e investigando grandes vencedores, e suas carreiras, a fim de isolar e identificar as razões pelas quais tão poucos conseguem alcançar o sucesso. Entrevistou mais de 16 mil pessoas, dentre elas os 500 milionários mais importantes da época. Foi consultor de Relações Externas da Casa Branca e escreveu discursos de Franklin Roosevelt. Em 1928, publicou sua primeira obra: *A Lei do Triunfo*. Este livro foi o primeiro tratado mundial sobre formação de líderes e, até hoje, se apresenta como um dos livros mais estudados do mundo. Hill concluiu que uma das principais características que estes homens tinham em comum e que elevava as suas lideranças era a aplicação do *Master Mind*. Atualmente, a The Napoleon Hill Foundation (EUA) protege sua memória e divulga suas ideias e trabalhos em todo o mundo. Obras: (1919) – *As Regras de Ouro de Napoleon Hill*; (1928) – *A Lei do Triunfo (The Law Of Success)*; (1937) – *Quem Pensa Enriquece (Pense e Enriqueça)*; (1953) – *Um Ano para Enriquecer*.

acervo JL



MATT HAIG

(Sheffield, 3 de julho de 1975) é um romancista e jornalista inglês. Escreveu livros de ficção e não ficção para crianças e adultos, muitas vezes no gênero de

ficção especulativa. É um autor best-seller internacional com livros publicados em mais de 30 idiomas. Haig nasceu em 1975 em Sheffield, Inglaterra. Estudou Inglês e História na Universidade de Hull. Começou a sua carreira como jornalista, tendo colaborado com conceituadas publicações britânicas. Iniciou sua carreira como escritor de ficção em 2004. Em agosto de 2018, ele escreveu letras para o álbum de música do cantor e compositor inglês Andy Burrows, cujo título foi derivado do livro de Haig, *Reasons to Stay Alive*. É casado com Andrea Semple; eles têm dois filhos e um cachorro. Com o ensino doméstico, ele educa seus filhos em casa. Reside em Brighton, Sussex. Alguns de seus trabalhos – especialmente parte dos livros de não ficção – são inspirados no colapso mental que sofreu quando tinha 24 anos. Ele ainda sofre de ansiedade de vez em quando e se identifica como ateu. Obras: *The Last Family in England* (2004); *The Dead Fathers Club* (2006); *Sociedade dos Pais Mortos* (Record, 2011); *The Possession of Mr Cave* (2008); *A Possessão do Sr. Cave* (Record, 2012); *The Radleys* (2010); *Os Radley* (Record, 2011); *The Humans* (2013); *How to Stop Time* (2017); *The Midnight Library* (2020); *A Biblioteca da Meia-Noite* (Bertrand, 2021); *The Life Impossible* (2024).

acervo JL



COLLEEN HOOVER

Margaret Colleen Fennell (Sulphur Springs, 11 de dezembro de 1979) é uma escritora norte-americana que escreve principalmente livros que abordam

como tema central traumas, violências e a exposição de relacionamentos tóxicos, ambientado no gênero “romântico” de ficção para jovens adultos. Cresceu em Saltillo, Texas, e se formou na Saltillo High School em 1998. Se casou com Heath Hoover em 2000, e eles têm três filhos. Se formou na Texas A&M-Commerce com um diploma em serviço social. Trabalhou em vários trabalhos sociais e de ensino até iniciar sua carreira como autora. Publicou de forma independente seu primeiro romance em 2012, *Slammed* (Métrica). Ela trabalhava como assistente social, ganhando um salário de 9 dólares por hora, e morava em um pequeno trailer com o marido caminhoneiro e seus 3 filhos. O romance *It Ends with Us (É Assim Que Acaba)* foi publicado em 2016. Em 2021, Hoover experimentou um aumento na popularidade devido à atenção da comunidade #BookTok no TikTok. Como resultado, em janeiro de 2022, *It Ends with Us* estava em primeiro lugar na lista de best-sellers do *The New York Times*. Em 2019, o romance havia vendido mais de um milhão de cópias em todo o mundo e foi traduzido para mais de vinte idiomas. Obras: *Slammed* (2012); *Point of Retreat* (2012); *This Girl* (2013); *Hopeless* (2013); *Finding Cinderella* (2014); *Confess* (2015); *Without Merit* (2017); *Layla* (2020); *Reminders of Him* (2022).

Tempo

Henrique Vallim Andrade dos Santos*

Milênios às vezes parecem milésimos.
 Pouco, estima-se – horas!
 Sessenta, dez décimos agora...
 Somos minutos em uma minuta de centésimos.
 Em segundos, semanas,
 Um pequeno milhão de dias como um minúsculo nanossegundo.
 Todo dia, nossa lâmpada de um bilhão de watts, o Sol, a todo vapor
 Esses meses duram trinta anos
 Em doze décadas, os humanos entram em decadência
 Séculos, estes sete tubérculos com músculos...
 Tubo, batata, mandioca, sorte
 Trevo de quatro folhas.
 O escuro vem e vai todo dia, cinzento como o carvão,
 Um andarilho percorrendo estradas sozinho à noite,
 Ou um inocente que vem, ao escurecer, passear no parque
 após um duro dia de trabalho

Sob a majestosa Lua – oh! Ponto branco na escuridão! Crateras!
 Luz no fim do túnel! Sol! Lâmpada! Verdade crua!
 Conserta a ansiedade, o medo, o terror
 Limpa tudo, pronto para um novo dia.
 Tubo, batata, mandioca, sorte
 Trevo de quatro folhas ao luar.

* Henrique Vallim Andrade dos Santos é o vencedor do Concurso de Poesia da Escola Eleva – 2024.



Por Zé Roberto



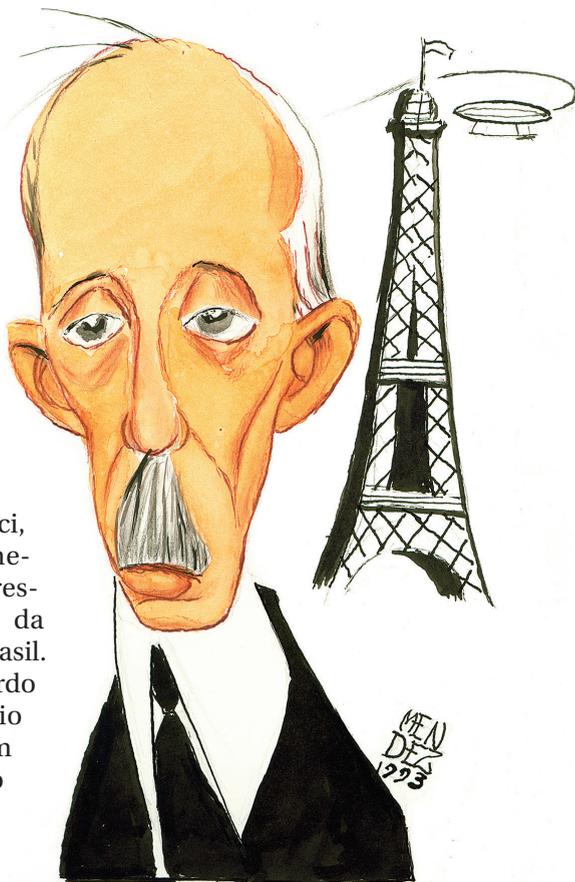
zerobertograuna@gmail.com

QUANDO MENDEZ DESENHOU A CARICATURA DE SANTOS DUMONT

Perdi a conta de quantas vezes mencionei algo sobre o nome e obra do caricaturista Mário Mendez aqui na Desenharte. O pintor e desenhista foi um dos amigos mais queridos e atenciosos que conheci, desde que comecei a me interessar pela História da Caricatura no Brasil. Já nem me lembro mais, mas creio que já registrei em algum texto que o conheci em 1988, num tempo que ainda usávamos telefone discado e com fio sob os “auspícios” da extinta

Telerj. Na época, encontrei em casa uma velha lista telefônica que pertenceu ao meu avô paterno, pela qual o usuário poderia encontrar todos os assinantes da região. Bastava saber o nome e sobrenome de uma pessoa, que era possível encontrar artistas famosos e ilustres desconhecidos. Fiz diversas buscas e localizei alguns dos nossos desenhistas mais importantes, entre eles o Mendez, que foi o primeiro que encontrei e logo fiz contato. Quando telefonei para a residência do mestre, fui atendido por Dona Emília, sua esposa, que me passou ao genial caricaturista, quando agendamos um encontro naquela mesma semana em seu apartamento, no Bairro de Fátima, nas proximidades da Rua do Riachuelo.

Após o primeiro encontro, outros se repetiram por anos, fiz alguns registros fotográficos interessantes, levei diversas pessoas naquela residência, ganhei dezenas de presentes preciosos, alguns autógrafos e guardei muitas histórias. Tudo que colecionei durante aqueles anos está comigo, guardado com muito zelo e carinho. São dezenas de desenhos originais e impressos, mas algumas dessas peças me são raras e prediletas. Uma delas trata-se de uma caricatura que o Mendez desenhou exclusivamente para uma exposição que organizei no Clube de Aeronáutica, na Praça XV, e que aconteceu entre os meses de novembro e dezembro de 1993. Na época, fui convidado pelo clube por conta da minha atuação como professor de desenho do Senac de Madureira. Na verdade, a instituição mantinha uma revista impressa que eu imaginei que poderia se inte-



Santos Dumont no traço do Mendez.

ressar em publicar algumas caricaturas que meus jovens alunos desenharam retratando a figura de Alberto Santos Dumont. Eles curtiram a ideia, mas sugeriram que as artes poderiam ser melhor aproveitadas se fossem expostas num dos eventos do Clube de Aeronáutica. Assim, surgiu a primeira exposição que organizei. Numa das visitas que fiz ao Mendez, comentei com ele que estava organizando a tal exposição, quando ele informou que não lembrava se já havia desenhado a caricatura de Santos Dumont. Chegou a perguntar para Dona Emília se ela recordava de alguma coisa e ela, que era uma espécie de “Google” do Mendez, afirmou, com certeza absoluta, que seu esposo nunca havia de fato caricaturado o Pai da Aviação. Foi então que Mendez me disse que gostaria de participar da exposição com meus alunos, e que desenharia uma caricatura do inventor brasileiro. Logo no dia seguinte, Dona Emília me telefonou e informou que o Mendez acordou cedo, tomou seu café e foi para sua prancheta e, depois de meses sem desenhar, terminou a caricatura em poucos minutos, e me pediu para que eu fosse buscar o desenho.

A iniciativa do Mendez acabou me incentivando a chamar outros artistas profissionais a incluírem suas artes na exposição junto aos novatos. E assim foi, colegas como o Guidacci, Paulo Santos, Sandro Dinarte (que também lecionavam no Senac) e até o Fortunato de Oliveira (o aviador e cartunista, criador do desenho Senta a Pua) se uniram ao Mendez e deram um peso interessante ao evento, que acabou até ganhando matéria na TVE (atual TV Brasil).

Por muitos anos, mantive esse desenho guardado, quase escondido. Confesso que tenho ciúmes da arte que o Mendez me presenteou e a mantive arquivada por todos esses anos. Pouca gente sabe, mas possivelmente a caricatura de Santos Dumont assinada pelo Mendez foi a última arte humorística que ele finalizou. O leitor mais atento perceberá um traço sem a mesma firmeza de outros tempos, tudo por causa da condição de saúde do artista que, naqueles anos, começava a sentir o peso da idade e de algumas doenças crônicas que o desenhista de humor enfrentava, mas a verve do caricaturista “Leitor de Almas” (frase de Herman Lima que enriqueceu o título de um artigo que assinei sobre o Mendez para o jornal da ABI, em 2009) ficou gravada naquela arte, hoje uma das peças que mais admiro na minha humilde coleção.

Mendez faleceu no dia 21 de outubro de 1996, deixando, além de saudades e histórias, um acervo de pinturas inéditas, muitos desenhos e fotografias memoráveis.

Saúde e Arte!



Mendez em 1988.

Língua é forma e não substância

Por José Augusto Carvalho*

RESUMO

Procura-se, neste artigo, explicar didaticamente o significado da frase atribuída a Saussure: “Língua é forma e não substância.” Para tanto, parte-se da comparação da língua com uma dessas massas de modelar que se vendem nas papelarias. Por se tratar da explicação de uma frase, não há aqui indicações bibliográficas, nem mesmo da obra de Saussure, uma vez que é bem possível que a frase não seja de Saussure, mas dos seus discípulos, Bally e Sechehaye.

EXPLICAÇÃO

Saussure ensina que o signo linguístico é constituído de significante e significado. O significante é a expressão do signo, o conjunto de sons que o constituem, como a forma /'kaza/ da palavra *casa*. Significado é o conteúdo semântico do signo, isto é, a ideia que o falante tem da palavra <*casa*>. Tanto no conteúdo quanto na expressão se podem distinguir dois planos: o da forma e o da substância.

Vamos imaginar que um professor entregue a cada um de seus alunos uma dessas massas de modelar que se encontram facilmente no comércio. Cada aluno fica encarregado de fazer a escultura que desejar com a massinha que recebeu. No final, cada um dos alunos apresentará uma escultura diferente e nem todos usarão toda a massinha que receberam.

Podemos dizer que todos receberam a mesma *substância* – a massinha – mas a *forma* que cada aluno deu a sua massinha foi diferente, ainda que algumas formas se parecessem.

Imaginemos todos os sons linguisticamente possíveis, existentes no mundo (há sons que não têm interesse linguístico, produzidos pela boca, como, por exemplo, o espirro, o soluço, a tosse).

Todos esses sons linguisticamente pertinentes – a massinha – são a *substância* da expressão a que cada aluno (ou língua) deu uma *forma* diferente.

A *substância da expressão* é o conjunto de sons linguisticamente pertinentes (“a massinha”) que os órgãos da fala podem produzir. A *forma da expressão* é o conjunto de sons (a “escultura da massinha”) que cada língua escolhe para formar os vocábulos. Em outras palavras, a forma da expressão é o conjunto de fonemas próprios de cada língua, isto é, cada língua “esculpe” uma forma diferente da substância da expressão.

Consideremos a *substância* como a realidade que nos circunda e que vislumbramos, sentimos ou compreendemos. Essa realidade é a massinha do conteúdo, a substância, o conjunto de coisas, seres, sentimentos, conhecimentos. Cada língua “esculpe” essa massinha do conteúdo de maneira diferente, isto é, cada lín-

gua dá uma *forma* diferente à *substância* do conteúdo.

Quando disse que “Língua é forma e não substância”, Saussure quis dizer que é a forma que caracteriza a língua. Quando traduzimos uma língua, temos de ver a forma que essa língua dá ao conteúdo que conhecemos.

Casar, por exemplo, em português é contrair núpcias, unir pelo casamento um homem e uma mulher. Em latim, embora pareça estranho, o verbo *casar* (nubere) se traduz diferentemente se é o homem que se casa com a mulher ou se é a mulher que se casa com o homem. Para um falante do português, quando um homem e uma mulher se casam, tanto faz dizer, por exemplo, que Maria se casou com Pedro quanto Pedro se casou com Maria. Mas, em latim, “Maria se casou com Pedro” se traduz como *Maria nupsit Petro* (ablativo). Mas “Pedro se casou com Maria” se traduz como *Petrus duxit uxorem Mariam* (acusativo). Isto é, se é a mulher que se casa, o verbo é *nubere*; se é o homem que se casa, a expressão é *duxit uxorem*, embora o ato seja o mesmo e atinja os dois, indistintamente, ao mesmo tempo.

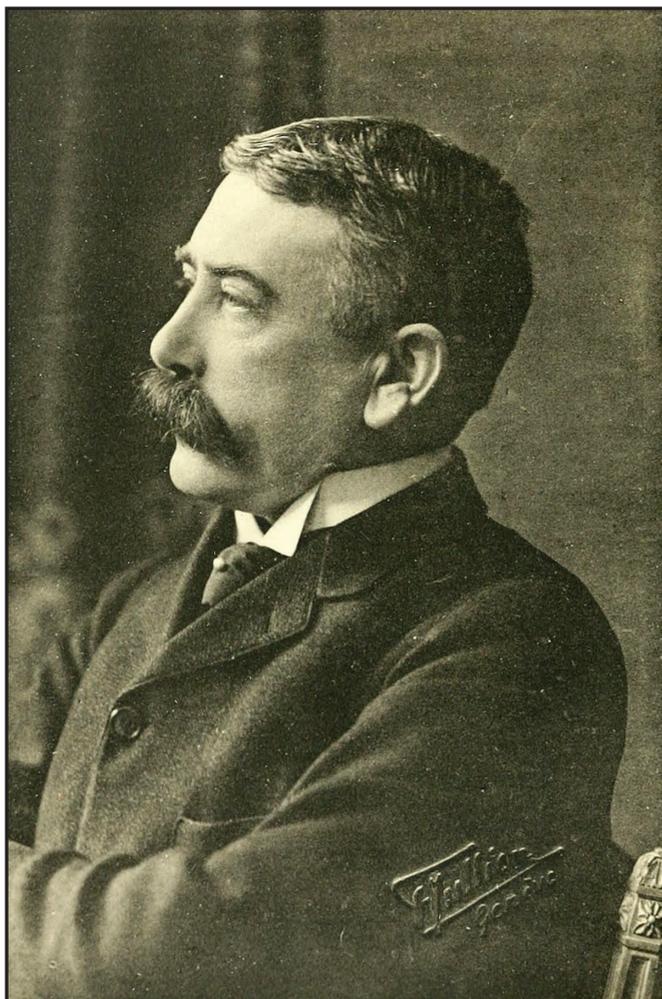
O conteúdo *hora*, período de tempo de 60 minutos, é um conteúdo universal que todos conhecemos. *Hora*, em francês, é *heure*, mas *heure* tem uma forma diferente em francês. Pode significar “madrugada”: de *bonne heure*; “daqui a pouco”: *tout à l’heure*; “o tempo todo”: *à toute heure*...

Em alemão, *hora* é *Uhr* (que também significa “relógio”). Se dizemos “ela é cheia de nove horas”, não podemos dizer em alemão “*Sie ist voll von neun Uhr*”, o que não teria sentido tampouco em inglês: “*She is full of nine o’clock*.” Cada língua dá forma diferente à substância do conteúdo, por isso a forma é que importa na língua, do contrário bastaria um dicionário de inglês-português ou de alemão-português para que pudéssemos traduzir qualquer obra em inglês ou em alemão mesmo sem sabermos nada dessas línguas. O que importa é a forma como essas línguas parcelam a “massinha” do conteúdo.

Em resumo: a linguagem (capacidade que o ser humano tem de exprimir-se por meio de sons vocais) tem dois aspectos: o aspecto social chamado língua (*langue*), que constitui o acervo linguístico comum de uma comunidade, e o aspecto individual chamado fala (*parole*), que é a atualização da língua, o modo como cada falante se utiliza da língua. A fala, união de um som a um sentido, é substância; enquanto a língua, que

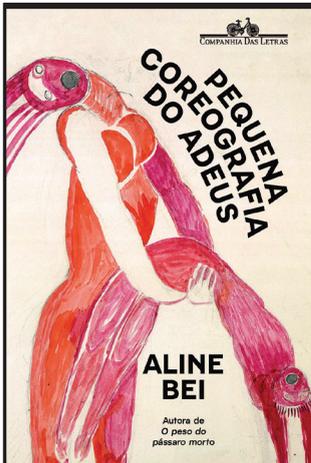
é atualizada pela fala, e é o conjunto dos significantes e dos significados, é a forma. A forma é a própria estrutura da língua. A forma pode ocorrer sem substância (caso de algumas preposições e conjunções que são signos vazios), mas não pode ocorrer substância sem forma.

*José Augusto Carvalho é mestre em Linguística pela Unicamp e doutor em Letras pela USP. É autor de vários livros sobre língua portuguesa, como *Gramática Superior da Língua Portuguesa* (Brasília: Thesaurus, 2011), *Estudos sobre o Pronome* (Brasília: Thesaurus, 2016), *Estudos de Língua Portuguesa* (São Paulo: Cajuína, 2019), *Estudos de Língua(gem)* (São Paulo: Opção, 2021 entre outros).



Ferdinand de Saussure (nascido em 26 de novembro de 1857, Genebra, Suíça – falecido em 22 de fevereiro de 1913, Vufflens-le-Château) foi um linguista suíço cujas ideias sobre a estrutura da linguagem estabeleceram a base para grande parte da abordagem e do progresso das ciências linguísticas no século XX.

Novos Lançamentos



PEQUENA COREOGRAFIA DO ADEUS

Em seu segundo livro, Aline Bei – autora do premiado *O Peso do Pássaro Morto* – constrói um retrato tão sensível quanto brutal sobre família, amor e abandono. Livro finalista dos prêmios Jabuti e São Paulo de Literatura 2022. Julia é filha de pais separados: sua mãe não suporta a ideia de ter sido abandonada pelo marido, enquanto seu pai não suporta a ideia de ter sido casado. Sufocada por uma atmosfera de brigas constantes e falta de afeto, a jovem escritora tenta reconhecer sua individualidade e dar sentido à sua história, tentando se desvencilhar dos traumas familiares. Entre lembranças da infância e da adolescência, e sonhos para o futuro, Julia encontra personagens essenciais

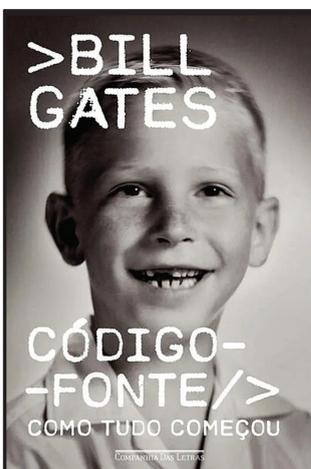
para enfrentar a solidão ao mesmo tempo que ensaia sua própria coreografia, numa sequência de movimentos de aproximação e afastamento de seus pais que lhe traz marcas indeléveis. Escrito com a prosa original que fez de Aline Bei uma das grandes revelações da literatura brasileira contemporânea, *Pequena Coreografia do Adeus* (Cia das Letras) é um romance emocionante que mostra como nossas relações moldam quem somos.



CUIDAR ATÉ O FIM

A descoberta de uma doença que ameaça a continuidade da vida, seja nossa ou de alguém que amamos, traz dor e perplexidade. É algo que nos transforma profundamente, um tsunami o qual ninguém está a salvo. Na essência dessa transformação está a necessidade do cuidado. O cuidar até o fim, aquele tempo delicado entre adoecer e morrer. Médica geriatra com vasta experiência em Cuidados Paliativos, Ana Claudia Quintana Arantes nos convida a um novo olhar sobre esse momento. A perspectiva da finitude pode trazer clareza para as escolhas, reavivar lembranças, restaurar afetos. Pode abrir caminho para um processo de luto amoroso e íntegro, ainda que haja dor.

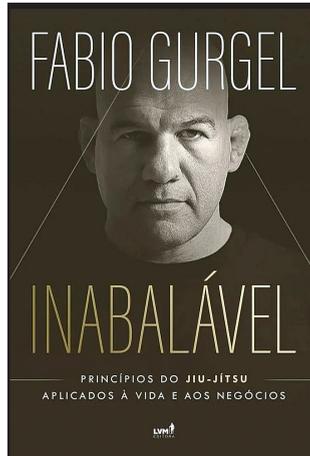
Cuidar Até o Fim: Como trazer paz para a morte (Editora Sextante) nos conduz pelas etapas do adoecimento com gentileza e sabedoria. Aprendemos a levar conforto para o corpo enfraquecido. A dizer palavras que trazem consolo. A oferecer ajuda eficaz. A atender pedidos que parecem impossíveis à primeira vista. A manter a serenidade para atravessar o tsunami. Afinal, cuidar é o ato mais sublime da conexão humana.



CÓDIGO-FONTE: COMO TUDO COMEÇOU

A trajetória de sucesso profissional de Bill Gates já é bastante conhecida: o jovem de vinte anos que abandonou a universidade de Harvard para fundar uma empresa de software que se tornou uma gigante da indústria e mudou a maneira como trabalhamos e vivemos; o bilionário que com frequência dedicou sua atenção às atividades filantrópicas para enfrentar questões envolvendo mudanças climáticas, saúde global e educação nos Estados Unidos. *Código-Fonte* (Cia das Letras) não é sobre a Microsoft, a Fundação Gates ou o futuro da tecnologia. É o relato humano e pessoal de como Bill Gates se tornou quem é hoje: sua infância, suas primeiras paixões e aspirações. É a história de sua avó cheia de princípios e de pais ambiciosos, de

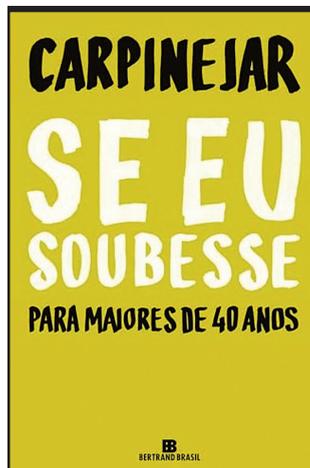
amizades profundas de infância e da morte repentina de seu melhor amigo; das dificuldades para se encaixar e da descoberta de um universo de códigos e computadores quando o campo dava seus primeiros passos; de uma jornada, logo no início da adolescência, que o levou de escapadas à meia-noite em um centro de computadores para o dormitório da faculdade, onde ele deu origem a uma revolução tecnológica global.



INABALÁVEL: PRINCÍPIOS DO JIU-JÍTSU APLICADOS À VIDA E AOS NEGÓCIOS

Fabio Gurgel, mais que um multicampeão mundial de jiu-jitsu, é um incontestável empresário de sucesso, um visionário em seu campo de atuação. Em *Inabalável: Princípios do jiu-jitsu aplicados à vida e aos negócios* (LVM Editora), ele nos apresenta a sua trajetória de vida e de negócios, mostrando-nos como suas incertezas e apreensões iniciais, bem como os valores apreendidos no tatame, prepararam-no para um caminho de vitórias pessoais e no esporte. Gurgel é cofundador da Alliance Jiu Jitsu, atualmente a rede conta com 300 academias distribuídas em 29 países. Ao total, são cerca de

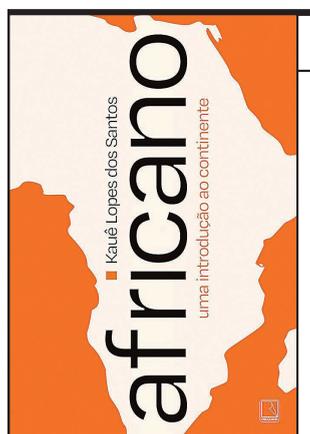
30 mil alunos que recebem treinamento a partir da metodologia e dos valores da equipe chefiada por Romero “Jacaré” Cavalcanti, Alexandre Paiva e Fabio Gurgel. A Alliance já formou dezenas de campeões mundiais e representantes do esporte em todo o mundo. *Inabalável: Princípios do jiu-jitsu aplicados à vida e aos negócios*, é mais do que uma autobiografia, é uma consultoria em forma de livro que visa passar a experiência e os valores elementares que formaram um dos mais bem-sucedidos campeões do jiu-jitsu brasileiro e um dos mestres mais respeitados nesse ramo no mundo.



SE EU SOUBESSE – PARA MAIORES DE 40 ANOS

Após o sucesso de *Depois é Nunca* e *Manual do Luto*, o vencedor do prêmio Jabuti Fabrício Carpinejar reflete sobre a vida, relacionamentos, família e a passagem do tempo neste *Se eu Soubesse* (Editora Bertrand). *Se eu Soubesse* tem gratidão pelos pais, tem reminiscências familiares, tem reflexões a respeito da criação dos filhos, tem a provação do ninho vazio, tem a frutificação da árvore do casamento na meia-idade, tem recomços profissionais e pessoais, tem o esclarecimento do luto como parte imprescindível da saudade, tem uma abordagem do cotidiano lúcida e sensível, tem soluções maravilhosas para os problemas da alma. Em tom de terapia em voz alta, numa narrativa encadeada por pequenos capítulos

sem títulos, ocorre a descrição da infância nos anos 1970, da adolescência nos anos 1980, acompanhando a mudança de costumes. A questão é esta: você pode agir de forma diferente a partir de agora. É a conversão da expressão popular “eu era feliz e não sabia” para o presente: “seja feliz sabendo.” Desde que procure estar ao lado de quem desperta o seu melhor. Afinal, somos instrumentos de uma orquestra. E encontros são músicas inesquecíveis.



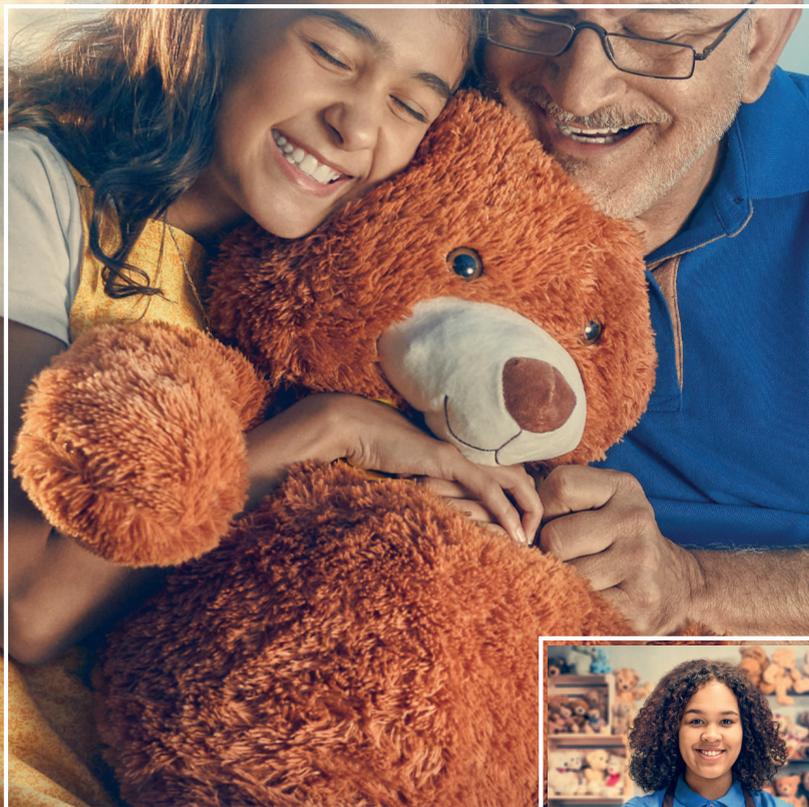
AFRICANO: UMA INTRODUÇÃO AO CONTINENTE

Africano: Uma introdução ao continente (Editora Record) desconstrói a representação generalizada e caricata da África, reproduzida desde o final do século XIX pela indústria cultural e pelos meios de comunicação, e apresenta as várias maneiras com que os territórios africanos adentraram o século XXI. No processo de escrita dessa ampla e acessível introdução ao continente africano, Kauê Lopes dos Santos partiu da leitura e análise de diversos documentos, produzidos principalmente por africanos e africanistas, e fontes variadas, como livros, artigos científicos, legislações nacionais, relatórios setoriais, poesias, produção cultural de massa, além de seus trabalhos de campo

em vários territórios do continente. Algumas das suas conversas ocasionais, entrevistas, fotografias, densas descrições e vivências nesses espaços estão registradas neste livro, com um ensinamento vívido e ilustrado da sua experiência em cada território. *Africano* não busca fazer uma espécie de inventário enciclopédico sobre cada um dos 54 países da África, e sim adentrar o universo das transformações políticas, das condições físico-naturais e das questões ambientais, do dinamismo econômico contemporâneo e da complexidade cultural que permeia o continente.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
 serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
 De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
 O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
 Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
 Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

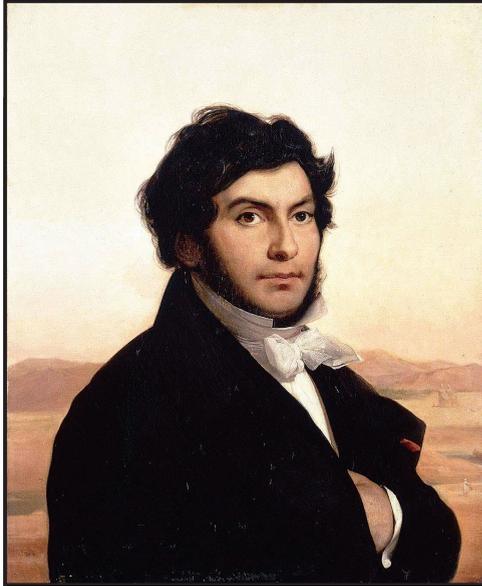
**CNC. Em todos os
 momentos da sua vida.**

O linguista e o imperador

Por Raquel Naveira*

O que é a linguagem? Essa é uma frase tão profunda quanto “O que é a vida?” Não se pode possuir ou usar a linguagem natural sem possuir ou usar alguma língua específica, um idioma. A língua é um fenômeno social, uma instituição e, sobretudo, um grande mistério. Um mistério humano e divino.

O francês Jean-François Champollion (1790-1832) foi um extraordinário linguista, filólogo, responsável pela decifração dos hieróglifos egípcios. Escreveu inúmeros trabalhos sobre a cultura e a língua do Egito Antigo. Foi parcialmente criado por seu irmão, o estudioso Jacques, e sempre demonstrou ser uma criança prodígio. Falava várias línguas, como copta, grego, latim, hebraico e árabe.



Jean-François Champollion.

A campanha de Napoleão (1769-1821) no Egito aconteceu durante a Revolução Francesa. Os franceses pretendiam ocupar o Egito para utilizarem esse território como plataforma para avançar para a Índia, de onde atacariam o domínio britânico. Vários nomes do meio acadêmico científico participaram dessa campanha. A Pedra de Roseta, um exemplar de estela para marcar a coroação do faraó Ptolomeu como “deus vivo”, foi encontrada pelo Capitão Bouchard e tornou-se a chave para a decifração dos hieróglifos. Ela continha um decreto escrito nos três sistemas: grego, copta e com hieróglifos. Champollion conseguiu comparar e alcançar a solução do enigma. Questionava-se: os sinais eram fonéticos (sons da fala) ou ideográficos (gravando conceitos com significados semânticos)? A pedra estaria ligada a ideias esotéricas? Registraria fatos históricos? Todas as suposições estavam erradas. Era, na verdade, uma rica combinação de sinais fonéticos e ideográficos.

Na célebre Batalha das Pirâmides, em junho de 1798, Napoleão pronunciou a máxima de encorajamento: “Soldados de França! Do alto dessas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam.” Incitou assim seus comandados a enfrentarem as tropas de mamelucos e muçulmanos. A campanha, em termos militares, foi um desastre, desperdício de vidas e de dinheiro, mas, culturalmente, foi um sucesso e alavancou a reputação de Napoleão e sua ascensão política.

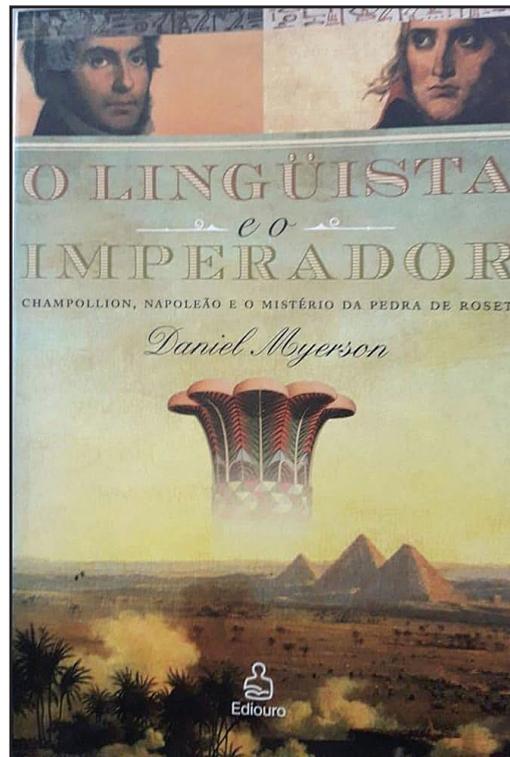
Indico o romance histórico *O Linguista e o Imperador: Champollion, Napoleão e o mistério da Pedra de Roseta*, de Daniel Myerson, professor de criação literária nas universidades de Columbia e Nova York. Myerson narra a verdadeira história de como as vidas desses dois gênios obcecados pelo Egito convergiram para uma conquista que revolucionou nosso entendimento do passado. A espantosa história da Pedra de Roseta que está no Museu Britânico, depois de uma disputa amaldiçoada, as maquinções para protegê-la, a corrida para desvendar seus segredos e o tormento que parecia atacar os que tocavam nela são descritos de forma fascinante. Lembrando que Champollion viajou para o Egito novamente em 1829, onde leu vários textos e trouxe novos dese-

nhos de inscrições. Sua saúde ficou arruinada pelas dificuldades dessa jornada pelos desertos egípcios, vindo a falecer jovem, aos quarenta e um anos, no auge de sua capacidade.

E sobre a Pedra de Roseta, escrevi:

Acaricio o basalto negro
Da pedra de Roseta:
Sou poeta,
Minha meta é decifrar a escrita,
A linguagem perdida,
Os símbolos,
Os pictóricos sinais.
As imagens formam palavras:
Leões,
Perdizes
Mais uma boca
Significam
Cleópatra.
Jarros,
Pães,
Rostos,
Escaravelhos,
Mistérios trançados
Em novelos de linho.
Há beleza
Nas caudas de crocodilo,
Nos vasos de cerveja,
Nos corações ligados à traqueia,
Em cada ideia.
Acaricio o basalto negro
De um claro enigma.

*Raquel Naveira é membro da Academia Matogrossense de Letras.



O Linguista e o Imperador: Champollion, Napoleão e o mistério da Pedra de Roseta

Autor: Daniel Myerson
Editora: Ediouro - RJ
Páginas: 179
Ano de edição: 2005

A verdadeira face de Papai Noel

Por Manoela Ferrari

O mundo conhece a face de mais uma figura histórica e, desta vez, também Santo, São Nicolau, o santo que inspirou a figura do Papai Noel. O assunto foi revelado no jornal *The Sun*, do Reino Unido e Irlanda.

A verdadeira face do homem que inspirou o Papai Noel pode ser vista pela primeira vez em quase 1.700 anos – depois que os cientistas reconstruíram sua imagem a partir de seu crânio.

São Nicolau de Myra foi um santo cristão primitivo cuja reputação de dar presentes inspirou a figura folclórica holandesa de Sinterklaas, que mais tarde se tornaria o Papai Noel nos Estados Unidos.

O brasileiro Cícero Moraes, principal autor do novo estudo, disse que era um “rosto forte e gentil”. Ele explicou que também era “curiosamente compatível” com o “rosto largo” descrito no poema de 1823, *Uma Visita de São Nicolau*, amplamente conhecido como *’Twas The Night Before Christmas*. Ele disse: “O crânio tem uma aparência muito robusta, gerando uma face forte, pois suas dimensões no eixo horizontal são maiores que a média. Isso resultou em um ‘rosto largo’ curiosamente compatível com o poema de 1823. Essa característica, combinada com uma barba espessa, lembra muito a figura que temos em mente quando pensamos no Papai Noel.

O professor cearense José Luís Lira, coautor de Moraes e especialista na vida dos santos, descreveu o significado do verdadeiro Nicolau de Mira: “Ele foi um bispo que viveu nos primeiros séculos do cristianismo e teve a coragem de defender e viver os ensinamentos de Jesus Cristo, mesmo com o risco de sua vida. Ele desafiou as autoridades, incluindo o imperador romano, por essa escolha. Ajudou os necessitados com tanta frequência e eficácia que, quando as pessoas buscavam um símbolo de bondade para o Natal, a inspiração vinha dele. Sua memória é universal não apenas entre os cristãos, mas entre todos os povos.

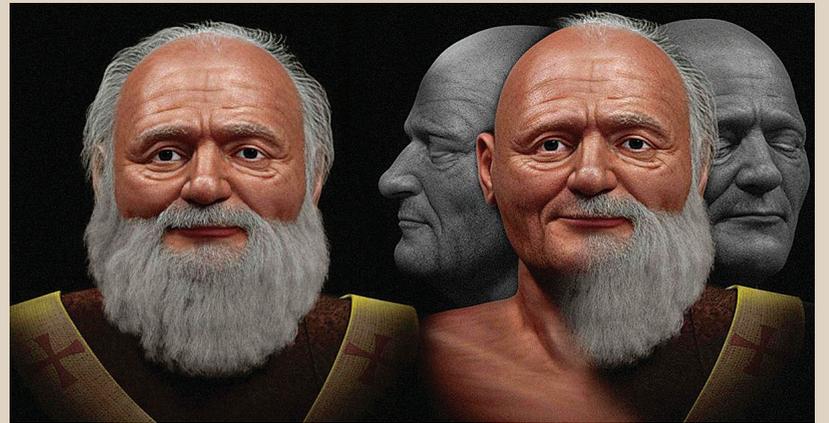
Moraes explicou como o famoso santo se tornou a lenda popular de hoje: “A Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero, foi um movimento que contribuiu para o desaparecimento da devoção a São Nicolau em muitos países. Uma exceção notável foi na Holanda, onde a lenda de Sinterklaas – que é uma supressão linguística do nome do santo – permaneceu forte, influenciando até mesmo as colônias daquela nação. Uma dessas colônias foi a cidade de Nova Amsterdã, hoje Nova York, onde a lenda foi anglicizada no nome Papai Noel. Ele foi descrito como um homem velho que punia crianças malcomportadas e recompensava aquelas que se comportavam bem com presentes. A imagem do Papai Noel como a conhecemos hoje é baseada em uma ilustração de Thomas Nast para a revista *Harper’s Weekly*, no início de 1863. Isso, por sua vez, foi inspirado na descrição do poema de 1823: Uma visita de São Nicolau, atribuído a Clement Clarke Moore.”

O poema deu origem a muitas noções populares sobre a figura folclórica que temos hoje, incluindo suas bochechas rosadas, suas renas, seu trenó, seu saco de brinquedos e o “rosto largo” descrito anteriormente.

Para criar o rosto, Moraes e sua equipe usaram dados coletados na década de 1950 por Luigi Martino, com permissão do Centro Studi Nicolaiani: “Inicialmente, reconstruímos o crânio em 3D usando esses dados. Em seguida, traçamos o perfil do rosto usando projeções estatísticas”, afirmou o estudioso.

Inicialmente enterrado em Myra, seus ossos foram posteriormente removidos para Bari, na Itália, onde permanecem até hoje.

Moraes, Lira e seu coautor, Thiago Beaini, publicaram seu estudo na revista *Ortog OnLine Mag*.



Toda teoria
tem um Lado
PRÁTICO.
ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

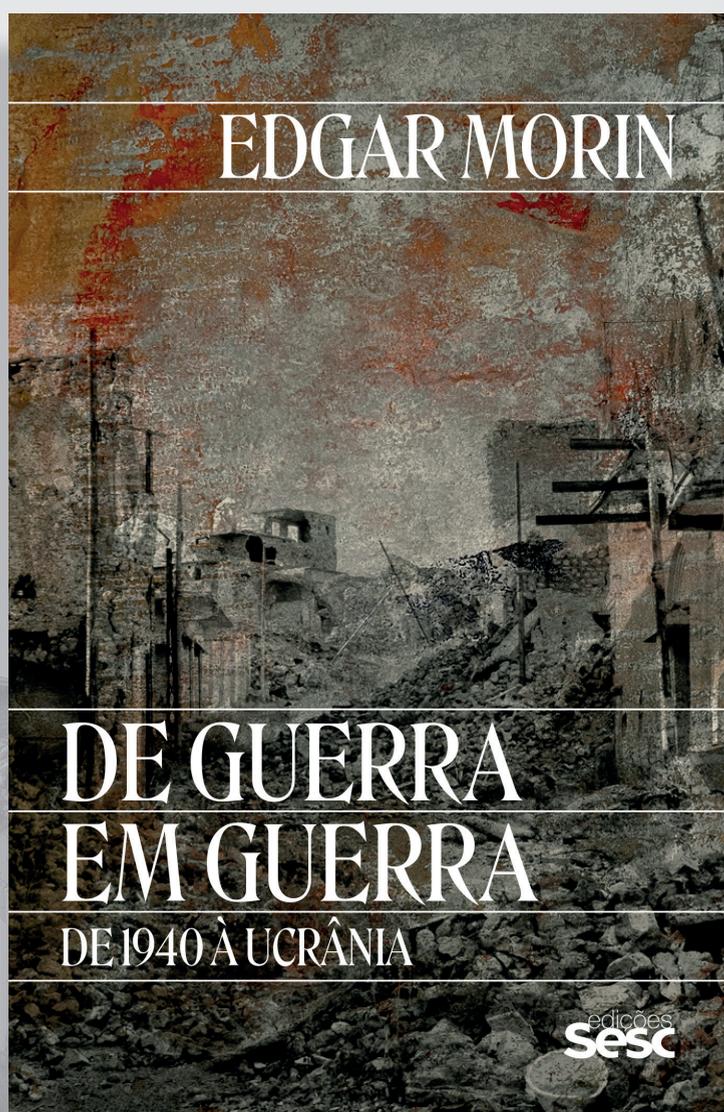
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



UM ENSAIO DE EDGAR MORIN SOBRE A GUERRA



Motivado pelo horror que voltou a assombrar a Europa e o mundo com a invasão da Ucrânia pela Rússia, o filósofo e sociólogo relembra a barbárie dos conflitos que viu em seus 103 anos de vida.

sescsp.org.br/edicoes

    /edicoessescsp

edições
Sesc